

JOÃO XXI – Um português no trono de São Pedro (1276-1277)

FRANCISCO LUIZ BORGES SILVEIRA
Prof. de História Medieval na Universidade
Santa Úrsula

O dia 20 de Setembro (1) do corrente assinala o VII Centenário da elevação do cardeal Pedro Julião, ou Pedro Hispano, ao sólio pontifício, que ocupou pelo breve período de oito meses com o nome de João XXI.

A julgar pelo estado atual dos nossos conhecimentos, a sua importância histórica origina-se, entretanto, da atividade que desenvolveu como dialético e



homem de ciência, sobretudo através de duas obras, o *Tractatus*, (difundido sob o título *Summulae logicales*) e o *Thesaurus pauperum*, que tiveram ampla aceitação até o século XVI.

Sendo impossível nivelá-lo, em questões filosóficas, aos grandes nomes do período áureo da escolástica, como St^o Alberto Magno, S. Boaventura e St^o Tomás de Aquino, e mesmo ao heterodoxo Siger de Brabant (c. 1235 – c. 1284), todos contemporâneos seus (2), há que reconhecer ter sido ele um espírito dotado de aguda percepção e vasta cultura. Inúmeros depoimentos da época comprovam esta assertiva: Martinho de Troppau (m. 1278), no *Liber Pontificalis*, diz que ele é “in diversis scientiis famosus” e, também referindo-se a sua erudição, o dominicano Tolomeu de Lucca chama-o de “Clericus universalis” e “magnus in scientia”; Ricobaldo de Ferrara qualifica-o de “magnus magister”; o beato Iacopo de Varazze (1228/30-1298), no seu *Chronicon Ianuense*, considera-o “scientia physicali et naturali repletus”, enquanto que, para João Egrídio, O.F.M., é “vir philosophicus in omni scientia eruditus”.

Em matéria científica há quem pretenda apontá-lo como precursor dos franciscanos Roger Bacon (1220?-1292?) e William Ockham (1285?-1349) na teorização do método experimental, a ponto de qualificá-lo como “o primeiro moderno”, responsável pelo “primeiro Renascimento português e porventura peninsular” (3). Numa série de obras pessoais e comentários médicos, Pedro Hispano fala das vantagens da experimentação aliada à “via ratoris”, mas sempre de uma forma bem comportada, muito menos ousada do que as investigações de Roger Bacon. Há que considerar também as tendências da época (a *lógica nova*, um Aristóteles já bem diferente daquele do séc. XII) e, afinal, além da influência de Grosseteste, não nos esqueçamos de que, como Pedro Hispano, o “Doctor mirabilis” também andou por Paris (pelo ano de 1235 até 1247), onde “travou conhecimento com o alquimista francês Pierre de Maricourt, de quem aprendeu a estimar a experimentação e a ciência empírica” (4). Além do mais, é bastante duvidosa a importância de fixar-se prioridades deste tipo numa faixa de tempo tão estreita. Mais produtivo do que provar que os **Comentários sobre as dietas de Isaac**, o **Tesouro dos pobres** e o **Sobre os olhos** do médico português são anteriores às **Opus majus**, **Opus minus** e **Opus tertium** de Bacon, seria realizar um confronto direto destas obras. (5).

Os escritos filosóficos de Pedro Hispano, sem grande criatividade em termos de demonstração científica, inserem-se na tendência geral da escolástica do século XIII: a preservação da ortodoxia cristã, mediante a organização da disciplina e da doutrina da Igreja (fora da qual não há perspectiva de salvação) levada a cabo por um movimento que atingiu o seu ápice com o “Doctor angelicus” e a sua tentativa de conciliação entre a razão e a fé. Se os Padres formularam os dogmas e os Concílios os fixaram, compete à escolástica, neste momento, complementar a patrística, sistematizando as formas dogmáticas e harmonizando-as com o resto do saber (6).

Esta escolástica ou, como diria o prof. Delfim Santos, “a corrente aristotélico-tomista, resultante da aplicação da lógica, no seu propósito racional de demonstração, às verdades da teologia em si não demonstráveis, foi a dominante em Portugal. O seu método silogístico e dialético pretendia a ordenação hierárquica dos conhecimentos e sistematizar a ‘filosofia da escola’ que servis-

se a refutação das divergências de caráter herético que se manifestavam na época.” (7) E é justamente aqui, no seu trabalho de sistematizador e no formalismo do seu pensamento lógico, sem apelos metafísicos, que os críticos vêm procurando estabelecer a originalidade da obra de Pedro Julião (8).

Neste campo, a sua produção mais famosa foi *Summulae logicales* (9), compêndio composto de 12 livros e extraordinariamente difundido nos meios universitários (mais de 300 manuscritos e cerca de 260 edições impressas entre 1474 e 1639 – traduzido para diversos idiomas, inclusive para o grego, por Georgios Scholarios). Com grande penetração em Portugal a partir do século XV, monopolizou o ensino universitário até o surgimento das *Institutionum Dialecticarum libri octo* (Coimbra, 1574), do jesuíta Pedro da Fonseca. Considerando a lógica (dialética) “a arte das artes, a ciência das ciências”, maneira de atingir “os princípios de todos os métodos”, as *Summulae* enquadram-se com perfeição no espírito do ensino universitário da época, que, em certos aspectos, ainda hoje sobrevive na cultura intelectualista-verbalista da nossa tradição bacharelesca. Embora baseadas no Estagirita, dele se afastam quando “a demonstração científica reduz-se a uma mera disputa de palavras”. Para De Wulf, “as *Summulae* de Pedro Hispano não se ocupam das teorias lógicas das ciências: são um manual de esgrima dialética”, sendo que, no entender do polaco Michalski, este compêndio “não valia provavelmente mais nem menos que dois outros existentes (os de Shyreswood e de Auxerre), mas foi o único que se difundiu nas escolas, sem dúvida em virtude da autoridade de que gozava o seu autor” (10).

Todavia, de acordo com a opinião de Grabmann, a mais notável produção filosófica de Pedro Hispano foi o *Scientia Libri de Anima*. Trata-se de uma obra sem par na literatura do medievo pela forma “pedagógico-metodológico-sistemática” com que o autor aborda problemas psicossomáticos, conseguindo compendiar com grande clareza as principais correntes do pensamento escolástico do início do século XIII e diante das quais mantém uma atitude eclética, “talvez para não dar a impressão de apaixonado mentor de partidatismo doutrinal”. Para além das qualidades didáticas, esta elaboração da psicologia aristotélica, arábica e neoplatônica sobressai pela originalidade do método, que não obedece à “forma da *quaestio* escolástica, tornada usual nas exposições dos mestres medievais e anteriormente utilizada pelo próprio Pedro Hispano nos seus comentários ao *De anima* e nas *Súmulas lógicas*” (11).

Dignos de menção são ainda *Tractatus maiorum fallaciarum, Syncategoremata* e o primeiro comentário latino (segundo Grabmann e Alonso) ao *De anima*, de Aristóteles, de cuja obra zoológica também se ocupou. (12).

O Pe. João Ferreira, que, juntamente com J. M. da Cruz Pontes, é a maior autoridade portuguesa na obra filosófica de Pedro Hispano, observa que “a sua síntese engloba as tendências doutrinárias do augustinismo medieval colorido por fortes influências avicenianas”, acrescentando estar “patente este augustinismo avicenzante na noção de matéria, potência, na definição da alma, na união entre alma e corpo, no hilemorfismo universal, no princípio de individuação, no pluralismo de formas e sobretudo na doutrina dos intelectos, com a admissão da inteligência agente separada, na operação *cognoscitiva*” (13).

A **Expositio librorum Beati Dionysii**, cuja redação Manuel Alonso situa entre 1246-1250, é uma paráfrase ao **Extractio** (1238) de Tomas Gallus, abade de Vercelli. Embora de natureza teológica, Cruz Pontes considera-a “importante para a compreensão das doutrinas filosóficas de Pedro Hispano, pois o que foi tomado como o seu augustinismo é influência do pseudo-areopagita”. (14).

Com uma bibliografia já bastante extensa (15), o ilustre médico e lógico português carece de um estudo biográfico amplo e atualizado, que sintetize e procure esclarecer todas as controvérsias levantadas sobre a sua vida e a sua obra, lacuna que, esperamos, venha a ser preenchida pelos especialistas (16) até o próximo ano, quando será lembrado pelo VII Centenário de morte.

As primeiras grandes contribuições para a sua biografia vieram de fora de Portugal. Foi no século XVIII que um professor de Göttingen (17) publicou o primeiro trabalho monográfico sobre Pedro Julião, revelando um certo sentido crítico, mas superestimando a bagagem intelectual do lógico português ao atribuir-lhe o conhecimento do árabe e do grego.

Em seguida, são as preocupações teológicas e filosóficas, sempre presentes na historiografia alemã, que despertam a atenção dos eruditos para a obra filosófica de Pedro Hispano e, paralelamente, logo põem-se várias questões histórico-críticas em torno da autenticidade e da autoria de uma série de manuscritos que o espírito positivo da época vai gradativamente revelando (18).

Inicialmente, a questão mais ruidosa prendeu-se ao suposto plágio à **Sinopse de Lógica** do bizantino Miguel Pselos (1018-1075). Publicando (Wittenberg, 1597) a **Synopsis organi Aristotelis Michaelo Psello auctore**, com base num códice grego descoberto em Augsburg (hoje o cód. 548 da Biblioteca de München), Elias Ehinger constatou a sua grande semelhança com as **Summulae logicales** do pensador lusitano e, tendo Pselos vivido no século XI, concluiu que o compêndio de lógica de Pedro Hispano não passava de simples tradução daquele. Esta opinião perdeu-se durante muito tempo em Keckermann, Tenneman, Bucker e, principalmente, em obras de Karl Prantl, até que Valentin Rose, Richard Stapper e Zervos encerrassem a questão em favor do lógico português (19).

Logo passou-se à polémica sobre a identificação do autor, discutindo-se se o Pedro Hispano das “Súmulas” seria realmente o papa João XXI, ou um homônimo dominicano, natural de Burgos, que professara no convento navarrês de Estrela. Os mais minuciosos investigadores da obra de **Petrus Hispanus Portugalensis** identificam-no com o sumo pontífice, sendo que o prof. Joaquim de Carvalho nos apresenta uma argumentação bastante convincente para negar a possibilidade de João XXI haver pertencido à ordem dos dominicanos (20).

Uma das mais decisivas contribuições documentais para a compreensão da vida e da obra de Pedro Julião foi dada pelo grande historiador da escolástica, o erudito Martin Grabmann, professor de Munique. Indo à Espanha em 1927, as suas pesquisas trouxeram à luz nada menos de onze manuscritos (21) do códice nº 1877 da Biblioteca Nacional de Madrid, contendo comentários médicos a Galeno, Hipócrates, Ishaq Al-Israili e, possivelmente, o primeiro co-

mentário latino a **De historia animalium libri X**, de Aristóteles. Outra revelação importante de Grabmann foi o **Scientia Libri de Anima** que, embora já referido por Nicolau Antonio e Adolfo Bonilla y San Martin, só foi efetivamente explorado a partir de 1928. Com todo este suporte documental, o mestre alemão elabora inúmeros estudos (22) que põem termo às dúvidas que pudessem existir sobre a compatibilidade entre o Pedro Hispano médico e o lógico.

Desde que, a 9 de dezembro de 1929, por ocasião do terceiro Jubileu da Academia das Ciências de Lisboa, o dr. Egas Moniz proferiu uma conferência sobre João XXI, a sua obra médica tem sido exaustivamente estudada em Portugal. Também aqui a primazia da pesquisa estava com a historiografia da ciência do estrangeiro, e foi de lá que veio o impulso decisivo, quando, no 3º Congresso Internacional de História das Ciências, realizado em Lisboa entre 30 de setembro e 6 de outubro de 1934, o médico-historiador Karl Südhoff apresentou uma importante comunicação sobre Pedro Hispano. (23)

Com uma popularidade quase idêntica a das **Summulae**, a principal obra médica de Pedro Hispano foi o **Thesaurus pauperum** (81 edições impressas desde a de Antuérpia, 1497; trad. para o italiano, port., esp., franc., ingl., alemão, dinamarquês, catalão e hebraico), uma compilação de tratamentos adequados para as doenças de todo o corpo humano, destinada aos estudantes com poucos recursos para obter os livros autorizados. Sobre esta obra escreveu Roberto Sabatino Lopez: “Tratava-se verdadeiramente de um tesouro? O seu núcleo consistia em heranças greco-romanas e árabe-judaicas, amálgama de jóias autênticas e pedras falsas: uma anatomia correcta nas suas linhas gerais, mas deformada por uma total incompreensão do sistema circulatório; uma fisiologia rica em intuições, mas obcecada pela teoria dos ‘quatro humores’; uma patologia mais hábil em descrever e distinguir os sintomas das doenças que em descobrir-lhes as causas e os remédios; uma farmacopeia experimentada no uso de ervas, mas inábil ou incapaz de empregar compostos químicos.” (24)

Seja como fôr, é no âmbito da ciência que sentimos um Pedro Hispano mais livre, mais descontraído, mais criativo, procurando provar “com razão verdadeira algumas observações úteis e experimentadas para conservar a saúde da vida humana” (25). Isto nos faz pensar seriamente na hipótese levantada pelo professor da Universidade Pontifícia de Comillas, a respeito das razões que o fizeram passar de Paris a Siena, trocando a dialética pela medicina (26).

Quanto ao **De oculo**, traduzido para o italiano e o alemão, é por um fato pitoresco que é comumente citado pelos biógrafos. Concluindo o **Juízo Final** da Capela Sistina, Miguel Ângelo a ele recorreu, copiando do próprio punho uma das páginas, em busca de alívio para um mal que lhe afetara os olhos. (27)

Também foram publicados os seus comentários a Isaac Israeli (28), permanecendo inéditas uma série de observações a Hipócrates, Galeno, Filareto e a autores árabes, da mesma forma que diversos manuscritos aguardam a averiguação da sua autenticidade. A própria autoria do **Thesaurus pauperum** ainda não está definitivamente comprovada.

As polêmicas e o rigor científico cada vez maior com que vem sendo analisado o conteúdo das suas obras, favorecem o enriquecimento da sua biografia, muito embora ela ainda mantenha-se pontilhada de passagens obscuras.

Pedro Hispano é um português do século XIII, centúria decisiva na história peninsular (29).

Dividida politicamente em cinco reinos, a Península Ibérica mantém-se na periferia da Europa desenvolvida. Mas grandes mudanças já se prenunciam: não é apenas o terreno baldio de uma Europa em franca transformação, para onde a cristandade ocidental, ideologicamente apoiada no espírito de cruzada, há cem anos canaliza o rudimento guerreiro de uma feudalidade afetada pelo crescimento demográfico, pelo desenvolvimento do comércio e da indústria, pela proliferação das cidades e pelo surgimento de novas formas de pensar e agir.

Controlando Barcelona, detentora de ampla tradição no comércio do Mediterrâneo, Aragão torna-se uma grande potência marítima, e antes do final do século o seu poderio alcançará a Sicília (1282). Sob o seu domínio estará também, desde 1204, um dos primeiros centros universitários europeus, Montpellier (Languedoc), que desenvolve na segunda década do século estudos médicos grandemente influenciados pela cultura islâmica.

Em Navarra, a subida ao trono (1234) de um *chansonnier* famoso, Thibaut, conde de Champagne, levará o reino para a órbita da monarquia capetíngia.

No sul, a “mourama infiel” está encurralada ao redor de Granada, onde, entretanto, resistirá por mais de dois séculos (1232-1492). A “meseta” pastoril assiste então a um significativo florescimento cultural: por iniciativa régia, as cidades leonesas de Palencia (1214-16) e Salamanca (1230-42-54) transformam-se em centros universitários e, do sul da França, os jograis levam para as cortes de S. Fernando e Afonso X, o Sábio, uma literatura de ficção. Ganhando expressão literária, a poesia lírica galego-portuguesa, surgida em torno de Santiago de Compostela, irradiar-se-á por toda a Península, a partir de Castela, atingindo Portugal, onde constituirá um foco de importância secundária.

A união definitiva entre Leão e Castela (1230) faz com que paire no ar o fantasma de um “imperialismo” castelhano, cuja ameaça contribuirá para afirmar a identidade da nação portuguesa. Politicamente fortalecida com a conquista do Algarve pelos freires de Sant'Iago e Calatrava (1250), pela fixação da fronteira meridional (1267) e a progressiva abolição dos vínculos feudais com Castela, a monarquia lusa pôde acelerar o processo de centralização (inquirições, 1258). Mas somente no final do século, quando aperfeiçoamentos técnicos ligados à navegação permitirem, por volta de 1277, ligações comerciais diretas e regulares entre Gênova e Bruges, com escala em Lisboa, é que Portugal começará a abandonar a posição marginal que tradicionalmente mantinha em relação à Europa.

Aqui, como em toda a Europa cristã, as ordens religiosas continuam a difundir o pensamento elaborado nos grandes centros da cristandade européia, sobretudo na França. O caráter internacional da Igreja e a imaturidade de uma cultura que também carece de fundamento social, ainda não dá margem a um

desenvolvimento em bases nacionais. O próprio Afonso III tem uma formação em grande parte francesa. Assim, como observa Antônio José Saraiva, é compreensível que S. Antônio de Lisboa e Pedro Hispano, “os dois maiores representantes portugueses do pensamento medieval”, hajam alcançado notoriedade fora de Portugal. (30).

Nascido na freguesia de S. Julião (Lisboa), entre 1210 e 1220 (31), Pedro Hispano era filho do médico Julião Rebelo e de Teresa Gil, a quem muitos atribuem uma nobre linhagem.

Muito pouco sabemos dos primeiros anos da sua existência. Segundo A. Moreira de Sá, teria feito os seus estudos iniciais na escola da Catedral de Lisboa e, talvez, também na escola catedralícia de Santiago de Compostela (32).

Sobre o estado do ensino português por essa época escreveu Antônio José Saraiva: “Não há indícios de em Portugal se ter estudado o conjunto das sete artes liberais (o **trivium**: gramática, dialética e retórica; o **quadrivium**: aritmética, música, geometria e astronomia), nem mesmo depois da fundação da Universidade (1288-90). Nos raros textos que nos ficaram acerca do ensino pré-universitário em Portugal só encontramos referências a duas disciplinas do trívio, isto é do ensino elementar: a gramática e a lógica ou dialética. São estas as disciplinas mencionada por Fr. Manuel da Esperança como constituindo o curso fundado em Alcobaça em 1269. O ensino da Colegiada de Guimarães apenas incluía a gramática.” (33)

Afigura-se-nos, portanto, excessivamente imaginativa a hipótese levantada pelo dr. Américo Cortez Pinto sobre a possibilidade de Pedro Hispano ter sido discípulo de uma modesta Escola Médica do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, à qual faz referência a **Crônica dos Cônegos Regrantes de Santa Cruz**, do “conhecido fabricante de documentos” Frei Nicolau de Santa Maria (34).

Ao que parece, desde Sancho I tornou-se comum a ida de estudantes portugueses (sobretudo religiosos) ao estrangeiro em busca de formação superior. Disto são significativos exemplos S. Antônio de Lisboa (Pádua), o cônego Mendo Dias e o lendário S. Frei Gil, o canonista João de Deus, que estudou e lecionou na Universidade de Bolonha, e, mais tarde, Vasco de Taranta, que estudou e exerceu o magistério em Montpellier (35). Este seria também o caminho de Pedro Julião.

Paris, chamada por Alberto Magno de a “cidade dos filósofos”, é então o grande centro cultural europeu. Ainda muito jovem, Pedro Julião frequentou a sua Universidade, da qual guardou gratas recordações: “Com efeito, vivendo em seus lares desde tenros anos, aí nos aplicamos ao estudo de várias ciências, e, durante anos, ouvindo suas lições, provamos as saborosíssimas primícias dessas ciências, tanto quanto nos permitiu o Senhor de Majestade, dador da verdadeira Sabedoria.” (36)

Foi nesta Universidade, onde os estudantes se separavam em “nationes”, que Pedro Julião passou a ser chamado de Hispano.

Supõe-se que tenha estudado Física e Metafísica com Alberto Magno, Medicina e Teologia com o franciscano João de Parma e, talvez, Lógica com Guilherme de Shyreswood.

É certo que desempenhou também atividades docentes, mas a cronologia é difícil de ser precisada. Para Martin Grabmann, entre 1240 e 1245, Pedro Hispano teria ensinado lógica na Faculdade de Artes de Paris e, analisando os seus trabalhos sobre esta matéria em confronto com obras análogas de outros mestres parisienses — entre elas o compêndio de Lambert d'Auxerre, 1253 —, concluiu que “desta formação lógica e deste tempo de estudo e de ensino em Paris, procederam como fruto maduro as *Summulae logicales*”, opinião que é seguida por autores mais recentes, como Joaquin Carreras y Artau, F. Van Steenberghen e Joseph Mullaly (37).

Muito confusa é a argumentação em contrário apresentada por A. Moreira de Sá. Tentando provar que as *Summulae* são fruto do magistério exercido por Pedro Hispano na Escola Catedral de Lisboa, antes de 1253, talvez preocupado em demonstrar “como desde os primórdios da nossa História, a cultura portuguesa não é de modo nenhum inferior à cultura da restante Europa ilustrada” (38), busca fundamentos em Astruc, Daunou, Chomel e D. Rodrigo da Cunha para afirmar: “Em fins de 1254 foi ensinar Medicina para Montpellier e Paris até 1260 ou pouco mais. Nesta Universidade regeu também Lógica, como parece averiguado, lendo pelas suas *Summulae Logicales* e ditando os *Synkategoremata* e o *Tractatus maiorum fallaciarum*.” (39) Como existem documentos que fazem menção a sua presença em Portugal neste período (1254-60), o professor da Faculdade de Letras de Lisboa, em nota de rodapé, aceita o fato de ele haver assistido às Cortes de Guimarães de 1258, o que nos parece improvável dentro desta argumentação.

Existem ainda divergências quanto à origem dos seus conhecimentos médicos. Alguns acham que os tenha adquirido em Paris, enquanto outros, sem sólida fundamentação documental, supõem que haja cursado Montpellier, célebre então pelos seus estudos de Medicina, e onde, segundo Raul Delmas, teria criado a cadeira de Obstetrícia. Todavia, interpretando alguns mss. do *De oculo* e do *Liber de conservanda sanitate*, que em um ms. traz a dedicatória a Frederico II, J. M. da Cruz Pontes chama a nossa atenção para a possibilidade de Pedro Hispano haver aprendido medicina em Salerno ou na Sicília. (40)

Realmente, é em duas áreas periféricas que a ciência europeia dos séculos XI-XIII alcança maior desenvolvimento: a Espanha muçulmana e a Itália meridional, ambas altamente permeáveis à influência oriental. Ao desenvolvimento das letras na corte castelhana há que adicionar os progressos científicos verificados de Toledo à Catalunha e à Provence, onde grandes árabes e judeus ilustres abrem novas perspectivas e promovem um reencontro com a ciência grega. De Avicébron, no séc. XI, passando por Abubacer, Averroes e Maimônides e a “Escola de Toledo”, chega-se a Afonso X que, para além da recepção puramente passiva da cultura árabe, promove certa atividade criadora. Semelhante é a situação no sul da Itália, que assistiu ao grande incentivo da Medicina na Escola de Salerno e já agora, sob o irrequieto Frederico II, vê o desenvolvimento de um círculo científico onde sobressaem o astrólogo Teodoro, Miguel Escoto e o maior matemático do medievo, Leonardo Fibonacci.

O fato é que parece historicamente comprovada a estada de Pedro Hispano na Itália, entre 1245 e 1250. Pelo menos, cinco documentos desse período

do não deixam dúvidas sobre a sua presença em Siena, onde exerceu a Medicina e lecionou na Universidade recém-fundada (1241). A sua primeira ligação com Siena está documentada no arquivo da cidade, com data de 11 de janeiro de 1245 (41). Em 5 de fevereiro de 1247, é novamente mencionado na ata de venda de uma Bíblia (42). As demais referências estão contidas nos **Libri di Bicherna**: em 1248, a expensas suas e de outros quatro mestres, mensageiros são enviados pela Toscana a convocar estudantes para o Estudo de Siena; em abril de 1250, teria recebido da comuna, juntamente com dois outros médicos, os mestres Boaventura e Orlando, o estipêndio relativo a uma consulta; assinala também, em maio do mesmo ano, o pagamento de 10 lib. como vencimento de Professor a Pedro Hispano, “doctori in fisica” (43).

Quanto à sua permanência em Siena ainda em 1252, investigações recentes do frei João Ferreira (O.F.M.) nos **Libri de Bicherna** contrariam as citações de Luigi Moriani e D. Barduzzi, e os registros do “Chartularium Studii Senensis” (44).

É a esta fase que os autores mais modernos estão inclinados a ligar os seus trabalhos de filosofia natural, havendo também indícios de ter escrito um livro de Dietética a pedido do cirurgião Fantino, um coleta de Siena (45). Por outro lado, parece cada vez mais provável que haja mantido contacto com o meio intelectual da corte de Frederico II, chegando Grabmann a admitir a hipótese de ter conhecido pessoalmente Miguel Escoto, o autor da tradução arabo-latina que serviu de base às **Quaestiones super libro de animalibus**, o primeiro comentário escolástico à obra zoológica do Estagirita.

Apesar de tudo, outros autores, como o dr. Egas Moniz (46), também o fazem retornar a Portugal para receber ordens sacras, depois de concluir os seus estudos superiores em França. Teria sido, então, apresentado por D. Afonso III para o priorado da Igreja de Santo André de Mafra, tornando-se depois cônego, deão e mestre-escola da Catedral de Lisboa, e arcediogo de Vermoim (freg. do conc. de Vila Nova de Famalicão).

A questão do priorado de Mafra parece não passar de uma espécie de tradição criada a partir de Jorge Cardoso, e alimentada pelo orgulho concelhio da historiografia amadorística de interesse local. Em artigo relativamente recente, João Ferreira esclarece que o problema é produto de uma conclusão apressada de Jorge Cardoso que, baseando-se no **Livro dos Padroados da Coroa**, identificou Pedro Hispano com o “Magistrum Petrum Phisicum” apresentado por D. Afonso III aquele priorado, em 20 de julho de 1263-(47).

Segundo Herculano, confusão idêntica foi feita por Jorge Cardoso ao atribuir a Pedro Julião o cargo de tesoureiro da Sé do Porto: “Citando o Censual do Porto, nesse chartulario podia Cardoso ter visto que o thesoureiro a que ahi se allude é diverso individuo (Censual, f. 140, nota marginal, nas **Disser. Chronol.**, T. 5, p. 105); além de que, a escriptura a que o auctor do **Agiologio** se refere não se encontra no lugar citado” (48).

Ainda hoje os pesquisadores preocupam-se em estabelecer maiores ligações entre o papa João XXI e o ambiente cultural português, procurando avançar um pouco mais no período comumente aceite (1250-58) para uma permanência contínua em Portugal (49).

De fato, em 1250, aparece como figura de projeção nas Cortes de Guimarães, já que é do “magistrum Petrum Iuliani decanum ulixbonensem et archidiaconum bracarensem” a competência de responder da parte do rei aos artigos apresentados pelos bispos (50).

De acordo com um documento da **Chancelaria de D. Afonso III**, Livro I, fl. III v., transcrito por Claudio Sánchez-Albornoz y Meduñña (51), assistiu em princípios de 1252, na Sé de Lisboa, ao protesto pela designação do bispo de Silves pelo rei de Castela.

Entre 6 e 18 de março de 1254, está documentada a sua presença nas Cortes de Leiria (52).

Procurando ampliar os seus rendimentos, sem prejuízo dos cargos que já possuía, Pedro Julião conseguiu obter de Afonso III a sua apresentação para o priorado da Igreja de Santa Maria de Guimarães, em 12 de dezembro de 1257. Porém, uma série de questões fizeram com que apenas em fevereiro de 1273 viesse a ser empossado no cargo e, assim mesmo, por procuração passado ao cônego Mateus Nunes. Portanto, não há base sólida para apontá-lo como professor da Colegiada (53), muito embora não devamos desprezar a observação do prof. Marcelo Caetano: “É de assinalar a ligação que se encontra nesta estadia do futuro papa João XXI em Portugal, de 1250 a 1258, com a cidade de Guimarães onde por duas vezes o encontramos e a que respeitam dois dos cinco diplomas expedidos em Leiria em que interveio” (54).

Em 1258, vários atos régios expedidos de Guimarães voltam a mencioná-lo (55).

Daqui por diante torna-se difícil fixar o caminho seguido por Pedro Hispano.

Em artigo recente, F. da Gama Caeiro agrupou oito documentos já publicados, relativos ao período 1260-64, reinterpreta-ndo-os de maneira a estabelecer uma ligação mais consistente entre Pedro Julião e o deado da Catedral de Lisboa, concluindo que “só em 1263, talvez mesmo no mês de julho, ou pouco antes, é que Pedro Hispano foi nomeado mestre-escola de Lisboa” (56).

Por uma bula de Alexandre IV, de 21 de janeiro de 1260, sabemos que Pedro Hispano esteve em Anagni, a fim de tratar de problemas respeitantes ao seu Cabido (57). Aí talvez estivesse ainda em 14 de março do mesmo ano, quando é novamente referido em carta enviada pelo sumo pontífice a João de Deus, arcebispo de Lisboa, que é incumbido de excomungar o bispo da sua diocese e os grandes do cabido, no caso de se recusarem a saldar uma dívida contraída pelo “Magistro Petro, Decano, et Ricardo, Cantori Vlisboneñ” com o negociante romano Sinibaldo Capúcio (58).

Um documento da Sé de Coimbra (**Cabido da Sé**, março 16, n. 27), publicado por Sousa Costa e transcrito por Gama Caeiro (pp. 166-69), relacionado com um litígio entre o bispo e cabido de Coimbra e o prior e mosteiro de Santa Cruz, faz referência a um anterior compromisso deste último com “magistrum Petrum iuliani, Decanum vlixboñ.”, com a mediação de Afonso III (11-IV-1260).

A bula de 8 de agosto de 1260, pela qual Alexandre IV confia ao abade de Alcobaça o governo da Sé de Lisboa, menciona a discórdia existente entre

o deão Pedro e o mestre-escola da referida Sé, a propósito da contestada eleição para bispo de Lisboa. (59).

Na Sé de Coimbra vamos encontrar dois outros documentos (**Pontifícios**, maço 4; **Cabido da Sé**, maço 16, n. 45), com data de 17 e 19 de novembro de 1261, provando “que a leitura de duas importantes providências, as letras apostólicas de Celestino III e a sentença final dada por Mestre João de Deus e Martinho, Bispo de Évora, com vista ao conhecimento dos interessados, se fizera em Lisboa na própria casa de Pedro Hispano: **in civitate vlixboñ., in domo venerabilis uiri Magistri Petri, decanj eiusdem ciuitatis (. . .)** e **acta sunt hec apud vlixboñ., in domo Magistri Petri julianj, decani vlixboñ. (. . .)**” (60).

Com data de 31 de dezembro deste ano (ou 1262), um documento passado pelo cardeal de Santa Sabina e pelo cardeal Ottobonus de S. Adriano, atesta a presença de Pedro Hispano em Viterbo, a ele se referindo como “magistro Petro Yspano, decano Ulixbonense” (61).

Posteriormente, uma bula de Urbano IV, de Cività Vecchia (28-X-1263), diz ter sido recebido pelo papa, mas refere-o como deão da Igreja lisboense (62).

Em carta dirigida por Urbano IV ao bispo e cabido de Lisboa, datada de 3-XII-1263, Pedro Hispano ainda é relacionado com a escola episcopal da cidade, apesar de já se encontrar fora de Portugal (63).

A 8 de novembro de 1263 estava em Orvieto, assistindo como testemunha na sentença dada pelo cardeal de S. Cosme e Damião sobre as reclamações de Gil Martins para cônego de Lisboa, designado como “Magistro Petro Yspano, decano Ulixbonensi” (64). Parece que ainda se encontrava em Orvieto por ocasião da bula de Urbano IV dirigida ao cardeal Jordão de S. Cosme e Damião (31-VIII-1264), dispensando Pedro Hispano da pluralidade de benefícios (65).

Em 1266 e 1268, Pedro Hispano aparece novamente em documentos datados de Viterbo. Com efeito, a 29 de julho deste último ano, achava-se na presença de Clemente IV quando foi elevado à dignidade de prior de N. Sr^a de Guimarães: “Constitutus in praesentia nostra dilectus filius Magister Petrus Juliani, archidiaconus bracharensis, Prior secularis Ecclesiae Sanctae Mariae Vimaransenis” (66).

Apesar das ponderações de Gama Caeiro, não conseguimos ver nesta exaustiva relação de documentos indícios da presença contínua de Pedro Hispano em Portugal depois de 1261, embora seja constantemente referido como deão, ou mesmo mestre-escola, da Sé de Lisboa, cargos que não implicariam, necessariamente, na sua estada no país.

Para esta época, A. Moreira de Sá ventilou a hipótese de uma possível ligação entre Pedro Hispano e a iniciativa de D. Estevão Martins, prior de Alcobça (que também compareceria ao 29 Concílio de Lyon), de criar as aulas públicas de Gramática, Lógica e Teologia na escola monacal (1269) (67).

Nova questão se nos apresenta, agora em relação ao arcebispado de Braga. Com a sua vacância (depois de 24-VIII-1271), devido à morte de Martinho Geraldês, o Cabido bracarense elegeu Pedro Hispano, procurando assim evitar a interferência de Afonso III em seu esforço centralizador (68). Entretanto,

pela convocatória de 13 de abril de 1273 (**Concilior. Ampliss. Collect.**, t. 24, col. 57), o “*Electo bracarensi*” é chamado por Gregório X a participar do 29º Concílio de Lyon, realizado de maio a julho do ano seguinte, e ao qual assistirá já como cardeal-arcebispo de Tusculum (Frascati), dignidade a que seria elevado, por determinação papal, em 5 de junho de 1273. Desta forma, o fato de encontrar-se, em 1273, entre os bispos confirmantes como “*electus Bracharensis*” não nos permite uma conclusão positiva, pois, como adverte Herculano, “os nomes dos prelados nos diplomas regios deste reinado (D. Afonso III) provam a sua existência, e não a sua presença, tendo-se tornado as confirmações dos bispos uma simples fórmula” (69).

Seja como fôr, este Pedro Hispano, detentor de tantos benefícios, já está bem distante do “*doctori in física*” da Universidade de Siena, que, com suas 10 lib. de vencimento, tivera que recorrer a expedientes extras, como o de ceder, por 7 lib., a frei Bernardino, prior do mosteiro della Selva del Lago, a sua Bíblia, um “*volumen magnum de littera grossa, in cartis pecorinis, bene miniata et in tabulis ligata*” (70).

A julgar-se pela decisão do Cabido bracarense, bem distante parece estar também do seu rei, de quem recebera tantas mercês, e ao qual falará orgulhosamente mais tarde, do sólio pontifício, pressionando-o a ceder na questão movida contra o clero português (71).

É neste momento que começa a sua rápida ascensão na carreira eclesiástica. A base cultural adquirida em Paris, a fama de clínico conseguida desde Siena, a vivência política e os cabedais obtidos em Portugal, acabam por levá-lo a Viterbo, onde, a partir de 1261/62, aparece no séquito do cardeal Ottobuono Fieschi, da família dos condes de Lavagno, sobrinho de Inocêncio IV e futuro papa Adriano V.

Em 1268, penetra definitivamente na cõrte pontifícia; torna-se arquieira e fiel seguidor de Teobaldo di Visconti, o beato Gregório X (1271-1276). Por esta época teria escrito o **Thesaurus pauperum**, cuja autoria não está definitivamente confirmada, mas que é dedicado ao pontífice (72).

Mas o “*take-off*”, em termos políticos, ocorre decisivamente com a sua elevação ao cardinalato, no momento em que figuras exponenciais da cristandade ocidental recebiam idêntica promoção (73).

Sendo inegavelmente um dos homens mais cultos do seu tempo, com larga penetração nos meios intelectuais europeus e no ambiente político italiano; bem relacionado com as altas esferas eclesiásticas, fiel à sua classe e ao papado, torna-se compreensível a sua escolha para dirigir os destinos espirituais e políticos da cristandade, não obstante tratar-se de um religioso originário de uma unidade política de segunda ordem. De fato, na relação dos pontífices do século XIII, onde o equilíbrio de interesses dos Segni, dos Lavagno, dos Visconti, dos Orsini, dos Savelli, dos Caetani, só é afetado pela interferência de grandes potências, como o Santo Império Romano-Germânico, a monarquia capetíngia (Urbano IV, Clemente IV, Celestino V) e os angevinos e aragoneses da Sicília, a inclusão de um papa português só se explica, para além das credenciais já referidas, pela necessidade de uma composição política que satisfizesse simultaneamente aos partidos italiano e angevino.

Apesar da sua grande curiosidade intelectual, o seu pensamento político é de tendência conservadora. Talvez seja sintomático o fato de Dante, que “no domínio político e social é a expressão do feudalismo decadente”, ter reservado ao lógico um confortável lugar no Paraíso:

“Vêm em seguida Hugo de S. Vítor
e Pedro Mangiadore e Pedro Hispano, cujo
espírito, na Terra, brilha nos seus doze livros;” (74)

Por outro lado, teve ampla circulação a tradição de que tinha certa aversão aos frades (talvez em virtude da condenação de certas posições tomistas, em 1277), o que o levou a atrair para si alguma antipatia e até suspeitas de bruxaria (provavelmente devido às suas pesquisas científicas). Dominicano, como St^o Tomás, era o cronista Martinus Polonius, que disse ser Pedro Hispano “infesto à religião e desprezador dos decretos do concílio geral” (75).

* * *

João XXI subiu ao trono de S. Pedro em uma época bastante difícil para a Igreja, atingida por uma problemática maior inerente a toda a cristandade ocidental que, alcançando o auge de uma expansão iniciada na segunda metade do século XI, neste momento já começa a apresentar sinais de esgotamento das suas possibilidades técnicas, econômicas, políticas e intelectuais (76).

Neste século, o Ocidente assistirá a três grandes fracassos: o do Império teocrático, o da teocracia pontifícia e o do imperialismo angevino (77).

Quanto à monarquia pontifícia, que desde Gregório VII (1073-1085) vinha estabelecendo a sua fundamentação teórica até alcançar o auge do esforço centralizador sob Inocêncio III (1198-1216), sobretudo a partir do genovês Inocêncio IV (1243-1254) ingressa numa fase de aceleração decadência, que a levará ao Exílio de Avignon (1309-1377) e ao Grande Cisma do Ocidente (1378-1417), como bem caracterizou Barraclough:

“As necessidades políticas impõem ao papado a centralização e exploração dos recursos eclesiásticos. Seria suficientemente rico se se afastasse das aventuras políticas; estas obrigam-no, porém, a novos expedientes, que provocam a indignação e lançam sobre ele o descrédito. Em fins do século XIII, o governo papal caracteriza-se pela desordem financeira. Vivendo com dificuldades, quase sempre individualmente, a Santa Sé encontra-se num beco sem saída, passa de um expediente a outro, sobrecarregada de trabalho, entregue a transações mesquinhas, mergulhada na política européia até o momento em que é forçada a enfrentar a falência material e moral, durante o pontificado de Bonifácio VIII.” (78)

Em 1276, a todos estes problemas soma-se a instabilidade política: três papas sucedem-se em menos de sete meses.

Com a morte de Adriano V, em 18 de agosto, a conturbada conjuntura política italiana cria problemas para a eleição do novo papa. Invocando a revogação da Constituição de Gregório X (79), levada a efeito por Adriano V, os cardeais não querem reunir-se em conclave, mas são forçados a ceder à pressão dos oficiais, dos prelados e dos viterbienses, elegendo João XXI (80).

O seu pontificado não apresentará atitudes inovadoras. Apesar de confirmar a revogação da Constituição de Gregório X relativa ao conclave, toda a sua política seguirá os rumos traçados pelo seu protetor no 2º Concílio ecumênico de Lyon, cujas decisões voltaram-se para três metas essenciais: união religiosa com os gregos, a cruzada e a reforma da Igreja do Ocidente (81).

A morte de Frederico II (1250) atenuara o conflito entre o **Sacerdotium** e o **Imperium**. Este, cada vez mais debilitado pelas dissensões internas (grande interregno, 1256-73), assiste à restauração da autoridade imperial pela casa de Habsburgo, que, no entanto, mostrar-se-á cada vez mais impotente para assegurar um domínio efetivo sobre a Itália (82). Abre-se, então, o vácuo político, permitindo a “decolagem” das cidades-república italianas, em cuja teia político-econômica e financeira o papado se enredará, tendo como preocupação prioritária a questão siciliana, antes e depois da vitória de Carlos de Anjou (83).

Absorvido pelo problema de afirmação da sua autoridade ante as pretensões do duque Otocar II (1253-1278), cujos domínios se expandem ameaçadoramente pela Boêmia, Morávia, Silésia, Eslováquia, Lusácia, Áustria, Estíria, Caríntia e Camíola, Rodolfo de Habsburgo (1273-1291) é forçado a retrair-se com relação à Itália. João XXI consegue tirar partido da situação: interpela o imperador germânico sobre os desmandos dos seus prepostos nos domínios pontifícios; aconselha-o a manter-se distante do território italiano enquanto não entregasse a Romanha; e leva a bom termo as negociações pelas quais Rodolfo I renunciou à dignidade de rei de Roma e ao antigo exarcado de Ravena, em favor dos Estados pontifícios.

Contrabalançando o poder político, tentou conter a progressão de Carlos de Anjou, dele recebendo juramento de homenagem pelo reino siciliano que havia obtido em feudo da Igreja romana, além de não lhe reconhecer os títulos de senador romano e vigário da Toscana ou da Lombardia, honras que lhe tinha concedido Inocência IV.

Por outro lado, os velhos ressentimentos que levaram ao Cisma de Miguel Cerulario (1054), dividindo definitivamente a cristandade nas Igrejas romana e ortodoxa, tornaram-se bem vivos com o saque de Constantinopla pela 4ª Cruzada (1204) e a conseqüente criação de um efêmero Império latino no Oriente. Todavia, a restauração do Império bizantino por Miguel VIII Paléologo (1261), promovida em parte por um jogo de interesses entre genoveses e venezianos, enseja a oportunidade de uma débil reaproximação entre o Oriente e o Ocidente, logo estabelecida no Concílio de Lyon (1274). João XXI dá andamento às negociações com o patriarcado de Constantinopla, muito embora esta união, assentada em bases artificiais, estivesse fadada ao fracasso (1281) desde o nascedouro (84).

Mera ilusão seria também a tentativa de reacender o espírito de cruzada, definitivamente sepultado com São Luís (1270). Retomando o projeto de Gregório X, o pontífice português vê frustrar-se o seu pedido de apoio a Afonso III, Carlos de Anjou, Ladislau IV, Pedro de Aragão, Eduardo da Inglaterra e Filipe de França, contentando-se com a arrecadação de tributos, certamente absorvidos pelas debilitadas finanças da Santa Sé. O progresso dos muçulmanos no Oriente Próximo (Jerusalém fora tomada em 1244 pelos cares-

mianos; S. João de Acre, o último reduto, cairá em 1291), leva-o ainda a tentar uma aliança com o Khan da Tartária, para onde se dispôs a enviar missionários (85).

Em verdade, a solução militar para o problema muçulmano parece superada pelas missões cristianizadoras. E é, talvez, obedecendo a este espírito que, em 16 de novembro de 1276, expediu a bula de aprovação do colégio franciscano de Miramar (Mallorca), fundado pelo beato Raimundo Lúlio (Ramón Lull), que se propunha a ensinar a língua árabe a missionários (86).

Seguindo a tendência centralizadora, João XXI envolveu-se em algumas eleições abaciais e episcopais e, em 18 de dezembro de 1276, escreveu a Eduardo I reclamando o censo dos sete anos precedentes. Ainda com relação ao soberano inglês, teve questões a propósito do tributo para as cruzadas e sobre a sua ingerência no âmbito da justiça eclesiástica, servindo também, eventualmente, de mediador no conflito entre Eduardo I e o príncipe de Gales.

Aliás, apesar do crescente esvaziamento do poder de arbitragem do papado, por duas vezes procurou conciliar Filipe III de França e Afonso X de Castela, que disputavam o controle de Navarra, neste momento governada pela rainha Joana I (1274-1304).

Conduziu com certa habilidade a questão entre Afonso III e a Santa Sé, procurando defender os interesses do alto clero português e assegurar as prerrogativas da Igreja. No afã de atribuir grandes realizações a Pedro Hispano, A. Moreira de Sá, embora admitindo a carência de provas documentais, sugere a hipótese, um tanto ousada, de os prelados portugueses haverem proposto a João XXI, por sugestão sua, a criação de um Estudo Geral, fato que só viria a ser consumado muito mais tarde, através da petição de 12-XI-1288 e a iniciativa de D. Dinis (1-III-1290) (87).

O fato de maior relevância do pontificado de João XXI foi, entretanto, a questão das condenações da Universidade de Paris, que, como observa Le Goff, representou o mais importante freio exterior dentro do processo natural de retração do intelecto na segunda metade do século XIII, quando o pensamento medieval europeu atingia as suas limitações (88).

Não cabe aqui uma análise pormenorizada da problemática que deu origem ao "Syllabus" (7-III-1277), através do qual o bispo parisiense Étienne Tempier, assessorado por 16 mestres de Teologia, relacionou e condenou publicamente 219 teses de inspiração naturalista pagã, racionalistas, e até certas proposições tomistas, que ganhavam corpo na Universidade de Paris.

Cumprir lembrar, entretanto, que este fato foi apenas o episódio de maior ressonância dentro de uma sucessão de ocorrências no plano intelectual, enquadradas, por sua vez, num contexto mais amplo, fruto do questionamento dos poderes espiritual e temporal da Igreja, que se acentuava desde a segunda metade do século XII. O fortalecimento do Estado pontifical, com a implantação de um complexo mecanismo político-administrativo e financeiro, promove um crescente distanciamento entre a Igreja e os seus súditos: ciosos das suas prerrogativas, os príncipes e as comunidades urbanas combatem as imunidades eclesiásticas; o progresso material afeta o espírito da Cavalaria, incita o comerciante à avidez do lucro e corrompe a classe sacerdotal; a crescente laicização da cultura e o progresso da especulação racional, acomete os intelectuais

de uma “febre especulativa”, abrindo-lhes novas perspectivas e trazendo ao convívio dos pensadores cristãos um Aristóteles sempre renovado; a massa popular, no seu diálogo com o Criador, rejeita a meditação de um clero burocratizado e envolvido pelas tentações mundanas, e acaba por tornar-se permeável a doutrina e práticas religiosas que lhe parecem mais coerentes, mais simples e mais puras (heresias dos cátaros ou albigenses e dos valdenses). (89)

Prontamente, o papado procurará responder a estes desafios e, quando lhe faltarem argumentos convincentes, apelará para a repressão violenta (cruzada contra o catarismo do Languedoc, 1209-1229; Inquisição, 1231; condenações de Paris, Oxford, Cambridge, etc. — prisão de Roger Bacon e Siger de Brabant). Com a cristianização dos ritos da Cavalaria, o papado tentará impor definitivamente uma disciplina, uma etiqueta e um código de moral cristã à turbulenta casta militar; com o apoio às ordens mendicantes (franciscanos, dominicanos) — mal recebido, aliás, pelo clero tradicional — promove internamente a reforma dos costumes, mas logo desviará os frades do “espírito franciscano”, intelectualizando-os e manipulando-os para assumir o controle intelectual das escolas.

É neste clima de contestação e procura, mas também de intolerância e repressão, que se insere a intervenção da autoridade eclesiástica na Universidade parisiense, onde degladiavam-se correntes radicais e moderadas das Faculdades de Artes e de Teologia: o aristotelismo eclético e neoplatonizante de S. Boaventura, o aristotelismo escolástico de St^o Tomás de Aquino e o averroísmo latino de Siger de Brabant e Boécio da Dácia, que acabarão por promover um confronto direto entre a razão e a fé, entre a ciência e o dogma.

A origem clerical da Universidade de Paris, onde assumiu particular relevância o ensino da Teologia, explica o fato de ela se transformar, desde o início do século XIII, no grande bastião da ortodoxia católica. Um acentuado espírito de associação, típico da época, personaliza e profissionaliza a classe dos intelectuais, mas a corporação de professores e alunos mostra-se impotente para resistir sozinha à animosidade da burguesia e à interferência do chanceler catedralício ou do preboste do rei. Na tentativa de manter sua identidade autônoma, é obrigada a apelar para o papa (1212-1246), mas logo os mestres seculares se rebelarão contra a disciplina intelectual da Santa Sé (1233-1257).

Muito antiga é, portanto, a ingerência do papa na questão universitária, participando direta ou indiretamente das sucessivas proibições da filosofia natural de Aristóteles e da repressão contra o “aristotelismo integral” (1210, 1215, 1228, 1231 e 1270-77).

Desta forma, não se justifica a tendência de certos historiadores portugueses de considerar como abusivas as condenações levadas a efeito por Étienne Tempier e o seu séquito de teólogos “obtusos e reacionários”, procurando assim minimizar a interferência de João XXI no desenrolar dos acontecimentos. Duas bulas famosas, dirigidas ao bispo de Paris (90), não deixam dúvidas sobre a responsabilidade do sumo pontífice que, de resto, identificava-se com as correntes mais conservadoras da Igreja.

Não pôde assistir, contudo, ao desfecho da questão. Em 14 de maio de 1277, foi gravemente ferido quando abateu-se sobre ele uma “lòggia” que mandara construir no palácio de Viterbo e cujas obras orientava pessoalmente.

te. Seis dias depois falecia, sendo sepultado na Basílica de S. Lourenço de Viterbo. (91).

* * *

O aspecto político é, sem dúvida, o ângulo menos explorado da vida de Pedro Hispano. Obscuro é ainda o seu enquadramento no conturbado cenário político italiano. É difícil avaliar até que ponto ia a omissão deste papa, que Ricobaldo Ferrariense e Francesco Pipini consideravam “mais entregue às coisas da ciência que aos negócios do papado” (92). Igualmente, não foi ainda precisado o grau de influência sobre ele exercida pelo cardeal Giovanni Gaetani Orsini, a quem nomeou arcebispo de S. Pedro (1276) e que lhe sucederia no sólio pontifício com o nome de Nicolau III (1277-1280).

É bastante significativo o fato de o professor Léopold Génicot, grande medievalista da Université de Louvain, não fazer qualquer referência a Pedro Hispano no seu manual sobre “Le XIIIe siècle européen”. Aliás, anteriormente, em “Les lignes de faîte du Moyen Âge”, dissera que o lógico português morreria em Paris (93).

De um lado temos, portanto, a omissão da historiografia estrangeira, e, do outro, uma vasta bibliografia portuguesa de tradição amadorística ou com uma visão histórica tradicional, quase sempre apologetica e encomiástica.

A mais recente abordagem particular foi feita por Artur Moreira de Sá (94), com um cunho meramente narrativo e excessivamente preocupado em salvaguardar a imagem do pontífice contra eventuais incompreensões dos cultores da “histoire évènementielle”.

Acontece que, como lembra Vitorino Magalhães Godinho, a História não é mais “um tribunal para julgar personagens e fatos”, nem tampouco simples “comemorativismo ritualista” (95). “Atualmente, trata-se menos de pôr em relêvo os traços distintivos de um personagem excepcional, que de mostrar a ação exercida sobre o indivíduo pelo meio social e pelas condições económicas. Os grandes homens, aliás, foram negligenciados em favor dos personagens típicos.” (96)

Não importa à História julgar as ações de João XXI, procurando saber se “mostrou-se bem à altura do seu cargo” ou se foi “um hábil político e um mediano justo” (97). Seria uma atitude acientífica, por exemplo, acusá-lo ou defendê-lo — mediante o transplante de valores na dimensão temporal — na questão das condenações de Paris de 1277. Ao que se sabe, João XXI funcionou neste caso apenas como o que Sidney Hook (98) chamaria de “eventful man”, ou seja, fez apenas o que se esperava que ele fizesse na qualidade de supremo chefe da cristandade ocidental.

Se, por outro lado, é certo que não podemos considerá-lo como um “herói do pensamento”, nem por isto devemos minimizar a sua importância para a História. Se não foi um homem-época, foi, pelo menos, um elemento típico de uma sociedade e de uma época e, como tal, digno de ser estudado.

Desta forma, é justo esperarmos uma síntese biográfica que ultrapasse a crítica interna dos documentos. Desnecessário é frisar a importância de uma cronologia com rigorosa base documental, para cujo estabelecimento inúmer-

ros especialistas, como Gama Caeiro e Moreira de Sá, vêm dedicando o melhor dos seus esforços. Todavia, há muito mais por fazer. Até mesmo uma reconstrução em bases factuais se faz necessária, para o que, como ponto de partida, teremos que retomar alguns clássicos da história do papado e rever os repretórios documentais (99).

Por outro lado, não possuímos ainda uma abordagem rigorosamente histórica da vida e da obra de Pedro Hispano, alicerçada em novos métodos biográficos e seguindo as diretrizes que nos sugere a história das idéias, como atualmente a concebemos. O que se tem feito é apenas agrupar as suas idéias em confronto com os conjuntos doutrinários da época, ou então vincular o seu pensamento às idéias que o precederam, ou mesmo às que o sucederam, situando-o num quadro genealógico das idéias que, de histórico, possui apenas o sentido de sucessão. “Y lo que llamamos una época es ya una especial comunidad y homogeneidad de situaciones. Por eso las ideas en ella ideadas muestran mayor afinidad entre sí que entre ellas y las de otra edad.” (Ortega y Gasset, p. 98) (100).

Na maioria dos seus biógrafos, o pensador e o homem de ação não aparecem claramente correlacionados (101). Dão-nos a impressão, por vezes, de se tratarem de personagens distintos. Não basta, pois, dar uma ambientação histórica ao personagem, mas sim identificar no cenário cultural (sem esquecer as mentalidades) os elementos constitutivos do seu pensamento, combinando-os e analisando as suas possíveis diferenças em relação ao meio, com o objetivo de alcançar as idéias fundamentais que explicam a sua forma de vida, a sua abordagem científica do conhecimento e a sua visão gnoseológica. (102)

Em Portugal, alguns trabalhos monográficos, pequenas achegas e apenas uma obra de caráter geral apresentam importantes contribuições para a construção de uma boa síntese histórica do pensamento de Pedro Hispano, mas, ainda assim, muitas das suas proposições ficaram apenas implícitas.

Com a pouca segurança dos dados de que dispomos sobre alguns dos mais significativos períodos da sua vida, além das suas dimensões históricas relativamente modestas, talvez seja demasiada pretensão esperar-se um biografia nos moldes da que Lucien Febvre realizou sobre Lutero, ou do seu magnífico estudo sobre *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle*. Entretanto, há inúmeras questões a serem postas, podendo-se até seguir certas diretrizes do trabalho que o prof. José Sebastião da Silva Dias vem realizando sobre épocas posteriores (103).

De qualquer forma, João XXI, figura típica de uma época, modelo do escolar português bem sucedido no estrangeiro, merece, sem dúvida, maior atenção da parte dos historiadores portugueses, não para alimentar a costumeira jactância pelo fato de um português — de espírito cosmopolita, formação francesa e expressão latina — haver ascendido ao cume da hierarquia eclesiástica, mas pela importância que a investigação da sua vida e da sua obra poderá ter para lançar maiores luzes sobre o ambiente cultural português, fornecendo uma visão mais nítida do homem do século XIII.

BIBLIOGRAFIA E NOTAS:

- (1) Os autores divergem quanto ao dia: 8 de setembro, segundo Lothar Thomas; para o Pe. Miguel de Oliveira, eleição a 8 e entronização a 20; para Fortunato de Almeida e Lopes Praça, 13; Augustin Fliche, 13 ou 14; Vieira de Almeida, 15; 20 de setembro de 1276, segundo Alexandre Herculano a Artur Moreira de Sá.
 - (2) SCHEEBEN, H. C., *Albertus Magnus*, Köln, 1955; GILSON, Étienne, *Le thomisme. Introduction au système de saint Thomas d'Aquin*. Strasbourg, 1920; idem, "La philosophie de S. Bonaventure. Collection "Études de philosophie médiévale", IV. Paris, Vrin, 1924; CHENU, Marie-Dominique, *Introduction à l'étude de saint Thomas d'Aquin*, 3ª ed., Paris, 1954; VAN STEENBERGHEN, Fernand, *Siger de Brabant d'après ses oeuvres inédites II. Siger dans l'histoire de l'aristotélisme. Les philosophes belges*, XIII). Louvain, 1942; GRABMANN, Martin, *Santo Tomás de Aquino*. Barcelona, Editorial Labor, S.A., 1930.
 - (3) MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI, Filósofo e Político*. Separata do "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto, vol. XII Porto, 1949 22 pp., c. pp. 7-11 e 19; THORDIKE, Lynn, *A History of Magic and Experimental Science, during the first thirteen centuries of our era*, vol. II. New York, 1923, pp. 488-516; CARRERAS Y ARTAU, Tomas & Joaquín, *Historia de la Filosofía española. I. Filosofía cristiana de los siglos XIII al XV*, Madrid, Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, 1939 pp. 101-144, esp. pp. 141-43.
 - (4) BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne, *História da Filosofia Cristã – Desde as origens até Nicolau de Cusa*. Trad. de Raimundo Vier, O.F.M., Petrópolis, Editora Vozes Limitada, 1970, p. 376.
 - (5) Sobre Roger Bacon e a ciência medieval: *Opus maius*. ed. H. Bridges, 2 vols., Oxford, 1897 e um *Supplementum*, 1900; AGUIRRE Y RESPALDIZA, Andrés, *La ciencia positiva en el siglo XIII: Rogério Bacon*. Barcelona, Editorial Labor, S.A., 1935; ALESSIO, F., *Un secolo di studi su Ruggero Bacone, 1848-1957*", in "Rivista critica di storia della filosofia", XIV, 1959, pp. 81-102; BETTONI, E., *Ruggero Bacone in alcune recenti pubblicazioni italiane*, in "Rivista di filosofia neoscolastica", LIV, 1962, pp. 351-365; CROMBIE, A. C., *Robert Grosseteste and the Origins of Experimental Science, 1100-1700*. Oxford, 1953; idem, *Histoire des sciences, de saint Augustin à Galilée (400-1650)*, trad. de Jacques d'Hermies. Paris, P. U. F., 1959 VIII-588 pp.; CARTON, R., *L'expérience physique chez Roger Bacon. Contribution à l'étude de la méthode et de la science expérimentale au XIII siècle*", Paris, Vrin, 1924; CROWLEY, Theodore (O. F. M.), *Roger Bacon. The problem of the soul in his philosophical commentaries.* Louvain-Dublin, 1950; EASTON, C., *Roger Bacon and His Search for Universal Science*. Oxford, 1952; SARTON, George, *Introduction of the History of Science*, vol. II. From Rabbi Ben Ezra to Roger Bacon. Baltimore, 1932; HASKINNS, Charles Homer, *Studies in the History of Mediaeval Science*, Cambridge, Mass., 1924; BEAUJOUAN, Guy, *A Ciência no Ocidente Medieval Cristão*, in "História Geral das Ciências", dir. por René Taton, tomo I, vol. 3. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1959, pp. 102-164 (trad. Ruy Fausto e Gita K. Ghinzberg); idem, *L'interdépendance entre la science scolastique et les techniques utilitaires (XIIe, XIIIe et XIVe siècles)*. Paris, 1957; MIELI, Aldo, *Panorama general de Historia de la Ciencia*, vol. II: *El Mundo Slamico y el Occidente Medieval Cristiano*. Madrid, 1946;
- DUHEM, Pierre, *Le système du monde. Histoire des doctrines cosmologiques, de Platon à Copernic*. 8 vols. Paris, 1913-1958; LANGLOIS, Victor, *La connaissance de la nature et du monde, d'après quelques écrits à l'usage des laïcs*. Paris, 1911; DE LAGARDE, Georges, *La naissance de l'esprit laïque au déclin du Moyen Âge*. 6 vols. Paris, E. Droz, 1934-1946 (nouvelle édition, 1956-1963).
- (6) SCIACCA, Michele Federico, *História da Filosofia*, vol. I: *Antiguidade e Idade Média*, trad. Lúís Washington Vita. 3ª ed. São Paulo, Editora Mestre Jou 1967, p. 196;

- CHENU, Marie-Dominique, *La théologie comme science au XIIIe siècle*, 3^a ed., Paris, 1957; DELHAYE, Ph., *La philosophie chrétienne au Moyen Âge*. Paris, 1959; GRABMANN, Martin, *Filosofia Medieval*, trad. esp. Barcelona, Editorial Labor, S.A., 1928; GILSON, Étienne, *La philosophie au Moyen Âge. Des origines patristiques à la fin du XIVe siècle*. 3^a ed. Paris, Payot, 1947 782 pp.; BRÉHIER, Émile, *La philosophie au Moyen Âge*. Collection "L'évolution de "Humanité", dirig. por Henri Berr. Paris, Éditions Albin Michel, 1937 XVIII-458 pp.; JEAUNE-AU, Édouard, *La philosophie médiévale*. n^o 1044 da col. "Que sais-je?", 2^a ed. Paris. P. U. F., 1967 128 pp.; VIGNAUX, Paul, *Philosophie au Moyen Âge*, col. "Armand Colin", 3^a ed. Paris, Librairie Armand Colin, 1958 224 pp.; PÉPIN, Jean, e outros, *La philosophie médiévale*. Paris, Librairie Hachette, 1972; LE GOFF, Jacques, *Les intellectuels au Moyen Âge*. Col. "Le Temps qui court". Paris, Éditions du Seuil, 1957 192 pp.; VAN STEENBERGHEN, Fernand, *La philosophie au XIIIe siècle*. Louvain et Paris, 1966; idem, *Corrientes filosóficas del siglo XIII*, in "Sapientia", vol. IV. Buenos Aires, 1949 pp. 296-307; HIRSCHBERGER, Johannes, *História da Filosofia na Idade Média*. trad. Alexandre Correia. 2^a ed. São Paulo, Editora Herder, 1966 272 pp.; DE WULF, Maurice, *Histoire de la philosophie médiévale*. 6^a ed., 3 vols. Louvain et Paris, 1934-36-47; FOREST, A.; VAN STEENBERGHEN, F.; GANDILLAC, M. de, *Le mouvement doctrinal du XIe au XIVe siècle*, in "Histoire de l'Église", fondée par Augustin Fliche et Victor Martin, vol. XIII. 2^a ed. Paris, Bloud & Gay, editores, 1956; ALPHANDÉRY, Paul, *Les idées morales des hétérodoxes latins au début du XIIIe siècle*. (Bibliothèque de l'École des Hautes Études, Sciences religieuses, t. XVI) Paris, 1903; PARÉ, Gérard, *Les idées et les lettres au XIIIe siècle. Le Roman de la Rose*. Montréal, Bibliothèque de Philosophie, Université de Montréal, 1947 364 pp.; TAYLOR, Henry Osborn, *The Medieval Mind. A history of the development of thought and emotion in the Middle Ages*. 4^a ed. London, 1949.
- (7) SANTOS, Delfim, *Escolástica em Portugal*, in "Dicionário de História de Portugal", dirig. por Joel Serrão, vol. II. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1965 p. 76.
- (8) BOEHNER, Philotheus, *Medieval Logic. An outline of its development from 1250 to c. 1400*. Manchester, 1952; CHENU, M. —D., *Grammaire et théologue aux XIIe et XIIIe siècles*, in "Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge". Paris, 1936 pp. 1-28; CLARK, Joseph T., *Conventional Logic and Modern Logic*. Woodstock, 1952; GOMEZ IZQUIERDO, Alberto, *Analisis del pensamiento lógico*, vol. I Granada, 1928 pp. 106-107;; LUKASIEWICZ, J., *Zur Geschichte der Aussagenlogik*, in "Erkenntnis", 5, 1935 pp. 11-131; ROTTA, Paolo, *La filosofia del linguaggio nella patristica e nella scolastica*, Torino, 1909; UEBERWEG, Friedrich, *System of Logic and History of Logical Doctrine*. London, 1871.
- (9) BOCHENSKI, I. M. (O.P.), *Petri Hispani. Summulae Logicales*. ed. por . . . Torino, 1947; MULLALY, Joseph Patrick, "The *Summulae Logicales* of Peter of Spain". (Publications in Mediaeval Studies, VIII). Notre Dame, Indiana, 1945; RIJK, L.M., de, "Tractatus called afterwords *Sumule logicales*". Assen, 1972.
- (10) DE WULF, Maurice, ob. c., vol. II, 1936, p. 85; MICHALSKI, Konstantyn, *Les courants philosophiques à Oxford et à Paris pendant le XIVe siècle*, in "Bulletin international de l'Académie Polonaise de Sciences et des Lettres. Classe de Philologie. Classe d'Histoire et de Philosophie. L'Année 1920." Cracovie, 1921 pp. 59-88, c.p. 62; idem, *Le criticisme et le scepticisme dans la philosophie du XIVe siècle*, in "Bulletin international de l'Académie Polonaise des Sciences et des Lettres". Cracovie, 1925; idem, *Les courants critiques et sceptiques dans la philosophie du XIVe siècle*, vol. 1917-1922. Cracovie, 1927 pp. 192-242; SARAIVA, António José, *História da Cultura em Portugal*, vol. I. Lisboa, Jornal do Fôro, 1950 795 pp., esp. pp. 261-62; além das obras citadas nas notas 19, 20 e 22, veja-se: FERREIRA, João (O.F.M.), "As *Súmulas logicais* de Pedro Hispano e os seus comentadores", in "Colectânea de Estudos", III, 3. Braga, Setembro de 1952 pp. 360-394; ABRANCHES, Cassiano, "*Pedro Hispano e as Summulae Logicales*",

in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo VIII, fac. 3. Braga, julho-setembro de 1952 pp. 243-259.

- (11) ALONSO, Pe. Manuel (S.J.), **Pedro Hispano. Obras Filosóficas, I. "Scientia libri de anima"**, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1941 (2ª ed., Barcelona, Libros Pensamiento. Juan Flors Editor, 1961) Edição segundo o ms. 3 314 da Biblioteca Nacional de Madrid, fls. 3 a 67 v.; além das obras de Grabmann, vale consultar: FERREIRA, João (O.F.M.), "Introdução ao Estudo do **Liber de Anima** de Pedro Hispano", in "Revista Filosófica", Ano 3, 7 Coimbra, Atlântida, maio de 1953 pp. 177-198, cit. pp. 179, 180 e 183; CRUZ PONTES, J.M. da, **Pedro Hispano Portugalense e as controvérsias doutrinárias do século XIII. A origem da alma.** (Dissertação de doutoramento em Filosofia). Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1964 309 pp.; MARTINS, Diamantino (S.J.), "O **De Anima** de Pedro Hispano", in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo VIII, fasc. 3. Braga, julho-setembro de 1952 pp. 260-294; DIONIÍSIO, Sant'Ana, "Pedro Hispano e o seu tratado **De Anima** (. . .)", in "Seara Nova", XXXII, Lisboa, 1952; BARBADO, M., **Estudios de psicología experimental, I.** Madrid, 1946.
- (12) MULLALY, Joseph Patrick; HOUDE, R., **Tractatus Syracategorematus and select anonymous treatises.** Milwaukee, Wiss., 1964; ALONSO, Pe. Manuel (S.J.), **Pedro Hispano. Obra filosóficas, II. "Comentario al 'De anima' de Aristoteles."** Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1944 (Edição segundo o ms. 726, fls. 41 a 134, da Biblioteca da Universidade de Cracóvia), Cruz Pontes aceita a autenticidade da **Questiones**, mas rejeita a atribuição da **Expositio**; ALONSO, Pe. Manuel (S.J.), **Pedro Hispano. Obra filosóficas, III. Expositio libri de anima. – De morte et vita et De causis longitudinis et brevitatis vitae – Liber naturalis de rebus principalibus.** Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1952; Luís de Pina inclui "De morte et vitae . . ." entre as obras médicas de Pedro Hispano, procurando afirmar a sua prioridade entre os portugueses na atividade doutrinária da **Macrobiótica** e da **Geriatría** – PINA, Luís de, **Os portugueses na História da Geriatría (Pedro Hispano – Francisco Sanches)**, in "Studium Generale – Boletim do Centro de Estudos Humanísticos anexo à Universidade do Porto" vol. V. Porto, 1958 pp. 167-202; CRUZ PONTES, J. M. da, "La division du teste dans le ms. inédit des **Questiones super libro de animalibus** de Petrus Hispanus Portugalensis", in "Bulletin de la Société internationale pour l'étude de la philosophie médiévale", nº 4. Louvain, 1962 pp. 118-126; idem. "As traduções dos tratados zoológicos aristotélicos e as inéditas **Quaestiones super libro de animalibus** de Pedro Hispano Portugalense. Avec un résumé en français." Separata da "Revista portuguesa de filosofia", XIX, fasc. 3, pp. 243-263. Braga, 1963; idem, **A obra filosófica de Pedro Hispano – Novos problemas textuais**, Coimbra, 1972; idem, "PHP e as Controvérsias . . .", pp. 113-182; WINGATE, S.D., **The mediaeval latin version of the aristotelian scientific corpus with special reference to the biological works.** London, 1931 (ref. ao cód. G. 4.853 do Fondo Conventi Soppressia da Biblioteca Nacional de Florença, contendo umas **Questiones** sobre **De animalibus**, diferentes das do cód. 1877 de Madrid, e que atribui a Pedro Hispano).
- (13) FERREIRA, João (O.F.M.), **Pedro Hispano**, in "Dicionário de História de Portugal", dirig. por Joel Serrão, vol. II. Lisboa, 1965 pp. 441-442; idem, **Presença do augustinismo avicinizante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano.** Braga, 1959; idem, **Temas de cultura filosófica portuguesa. Sobre a posição doutrinária de Pedro Hispano**, in "Colectânea de Estudos", V, 1, Braga, janeiro de 1954 pp. 48-56; idem, **O problema de Deus em Pedro Hispano**, in "Filosofia", II, nº 7 Lisboa, outubro de 1955 pp. 146-176; idem, **Esboço sumário das idéias antropológicas de Pedro Hispano**, in "Itinerarium", IV, nº 21. Braga, julho-setembro de 1958 pp. 326-341; CRUZ PONTES, J. M. da, **Para situar Pedro Hispano Portugalense na História da Filosofia**, in "Revista Portuguesa de Filosofia", XXIV, 1. Braga, 1968 pp. 21-45; CASTRO NERY, P. J., **Um papa lusitano na história do nominalismo**, in "Revista Eclesiástica Brasileira", VI. Petrópolis, 1946, pp. 649-653; PEREIRA,

Z., *Intelecto agente e o problema do conhecimento em Pedro Hispano*. (dissertação de licenciatura apresentada na Faculdade de Filosofia de Braga, em 1951).

- (14) ALONSO, Pe. Manuel (S.J.), "Pedro Hispano. Exposição sobre os livros do Beato Dionísio Areopagista (*Expositio librorum Beati Dionysii*).” Fixação do texto, prólogo, introdução e notas do . . . Prefácio de A. Moreira de Sá. Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1957 LXIX-682 pp.; – Edição segundo os mss. Clm. 7983, fol. 1-71, e 167, fol. 52-61, da Biblioteca Municipal de Besançon; MARTINS, Mário, Os Comentários de Pedro Hispano ao Pseudo-Dionísio Areopagita, in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo VIII, fasc. 3. Braga, julho-setembro de 1952 pp. 295-314; idem, Pedro Hispano, in "Dicionário de Literatura", dir. por Jacinto do Prado Coelho, vol. I. Porto, Livraria Figueirinhas, 1969 pp. 389-390; CRUZ PONTES, J.M. da, Pedro Hispano Português, in "VERBO – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura", vol. 14. Lisboa, Editorial Verbo, 1973 cols. 1591/1593
- (15) Uma boa orientação bibliográfica pode ser obtida através de: ANTONIUS, Nicolaus, *Bibliotheca hispana vetus*, II, Matriti, 1788; SARTON, George, *Ob. cit.*, vol. II, 1932, pp. 889-892; Academia das Ciências de Lisboa das Ciências de Lisboa, *Bibliografia Geral Portuguesa*, t. II, Lisboa, 1944, pp. 390-94; *Bibliografia sobre Pedro Hispano*, in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo VIII, fasc. 3. Braga, Faculdade Pontifícia de Filosofia de Braga, julho-setembro de 1952, pp. 340-43; MOREIRA DE SÁ, Artur, "Anotações" à Oração da Sapiência (*Oratio pro rostris*), de André de Resende. Lisboa, Instituto de Alta Cultura/Centro de Estudos de Psicologia e de História da Filosofia anexo à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1956 pp. 83-87; CRUZ PONTES, J.M. da, *As controvérsias . . .*, *ob. cit.*, pp. 285-300.
- (16) Ainda não nos foi possível um conhecimento direto dos trabalhos que o dr. Mário Martins (S.J.) e a professora Maria Helena da Rocha Pereira apresentaram à Academia das Ciências de Lisboa, em sessão solene de 20 de maio do corrente, da qual tivemos notícia.
- (17) KOHLER, Johann Tobias, *Vollständige Nachricht von Pabst Johann XXI. welcher unter dem Nahmen Petrus Hispanus als ein gelehrter Arzt und weltweiser berühmt ist*. Göttingen, bey Victorinus Bassiegel, 1760.
- (18) Toda a problemática de interpretação histórico-crítica suscitada pelas obras atribuídas a Pedro Hispano, até as primeiras décadas deste século, acha-se muito bem sintetizada por Joaquim de Carvalho, *Cultura filosófica e científica*, in "História de Portugal", dir. por Damião Peres, vol. IV. Barcelos, Portucalense Editôra, 1932 pp. 475-528.
- (19) PRANTL, Karl, *Geschichte der Logik im Abendland*, II, III. Leipzig, 1861, 1867; idem, *Michael Psellus und Petrus Hispanus: eine Rechtfertigung*. Leipzig, 1867; THURLOT, Charles, *De la logique de Pierre d'Espagne*, in "Pierre d'Espagne", Nouvelle série, t. X, Paris, 1864 pp. 267-281; idem, A review of vol. III of the "Geschichte der Logik in Abendlande" by Carl Prantl, in "Revue critique d'histoire et de littérature", II, Paris, 1867 pp. 194-203; ROSE, Valentin, *Pseudo-Psellus und Petrus Hispanus/Pseudo-Psellus und Gregorius Monachus*, in "Hermes, Zeitschrift für classische Philologie", vol. II. Berlin, 1867 pp. 146-147 e 465-467; STAPPER, Richard, *Die Summulae logicae des Petrus Hispanus und ihr Verhältnis zu Michael Psellus*, in "Festschrift zum elfhundertjährigen Jubiläum des deutschen Campo Santo in Rom". Friburg, 1897 pp 130-138; ZERVOS, Chr., *Un philosophe néoplatonicien du XIe siècle. Michel Psellos. Sa vie, son oeuvre, ses luttes philosophiques, son influence*. Paris, 1920.
- (20) SIMONIN, H.D., *Les Summulae Logicales de Petrus Hispanus*, in "Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge", V, 1930 pp. 267-278; idem, *Magister Petrus Hispanus, O.P.*, in "Archiv. Fratrum Praedicatorum", V, 1935; LAURENT, M.-H., *Maître Pierre d'Espagne fut-il dominicain?*, in "Divus Thomas",

- XXXIX, Piacenza, 1936 pp. 35-45; GEYER, Bernhard, *Zu den Summulae logicales des Petrus Hispanus und Lambert von Auxerre*, in "Philosophisches Jahrbuch", L, München, 1937 pp. 511-513; CARRERAS Y ARTAU, Joaquín, *Rectificación histórica. La nacionalidad portuguesa de Pedro Hispano*. Madrid, 1934; tb. o polemista Alfredo Pimenta, *O Problema de Pedro Hispano e Dois Eruditos Portugueses*, in "Novos Estudos Filosóficos", Lisboa, Imprensa Nacional, 1935 pp. 208-214 e 445.
- (21) Estes manuscritos foram relacionados por Severiano Tavares, *Pedro Julião – Vida e Obra*, in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo VIII, fasc. 3. Braga, julho-setembro de 1952 pp. 235-242, p. 240. Há comentários atualizados de Luís de Pina e M. H. da Rocha Pereira nas edições de obras médicas de P.H.
- (22) GRABMANN, Martin, *Ein ungedrucktes Lehrbuch der Psychologie des Petrus Hispanus (Papst Johannes XXI † 1277) im Cod. 3314 der Biblioteca nacional zu Madrid*, in H. Finke, "Spanische Forschungen der Görresgesellschaft", I. Münster, 1928 pp. 166-173; idem, *Reciente descubrimiento de obras de Petrus Hispanus (Papa Juan XXI † 1277)*, in "Investigación y progreso", II, nº 11. Madrid, 1928 pp. 85-86; idem, *Mittelalterliche lateinische Aristotelesübersetzungen und Aristoteleskommentare in Handschriften spanischer Bibliotheken*. (Sitzungsberichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften. Philosophischphilologische und historische Klasse. Jahrgang 1928, 5. Abhandlung). München, 1928; idem, *Eine für Examinazwecke abgefasste Quaestionensammlung der Pariser Artistenfakultät aus der ersten Hälfte des 13. Jahrhunderts*, in "Revue néoscholastique de philosophie", XXXVI, Louvain, 1934, "Hommage à Monsieur le Professeur Maurice De Wulf", pp. 211-229; idem, *Handschriftliche Forschungen und Funde zu den philosophischen Schriften des Petrus Hispanus, des späteren Papstes Johannes XXI. († 1277)*. (Sitzungsbereichte der Bayerischen Akademie der Wissenschaften Jahrgang 1936, Heft 9). München, 1936; idem, *Mittelalterliches Geistesleben. Abhandlungen zur Geschichte der Scholastik und Mystik*, II, III. Max Hueber Verlag, München, 1936, 1956; idem, *Die Lehre vom intellectus possibilis und intellectus agens im Liber de anima des Petrus Hispanus des späteren Papstes Johannes XXI*, in "Archives d'histoire doctrinale et littéraire du Moyen Âge", t. XI Paris, 1937-1938 pp. 167-208; idem, *Bearbeitungen und Aulegungen der Aristotelischen Logik aus der Zeit von Peter Abaelard bis Petrus Hispanus*. Mitteilungen aus Handschriften deutscher Bibliotheken. Berlin, 1937.
- (23) *Obras portuguesas*: LEMOS, Maximiano, *História da Medicina em Portugal. Doutrinas e Instituições*, vol. I, Lisboa, 1899; PIRES DE LIMA, J.A., *Epítome de História da Medicina Portuguesa*. Porto, Portucalense Editora, 1943; FERREIRA DE MIRA, M., *História da Medicina Portuguesa*. Lisboa, 1947; FRANCO, Evaristo, *Glórias da Medicina Portuguesa*. Lisboa, 1949; MONIZ, Egas, *O Papa João XXI*, in "Portugal Médico", XIV, Porto, 1930; idem, *O Papa João XXI*, in "Bíblros", vol. nºs 1 e 2. Coimbra, 1930 pp. 1-17 MEYRELLES DO SOUTO, A., *As nossas razões: o Papa João XXI e a sua obra científica*, in "Acção Médica", XI Lisboa, 1946 pp. 133-147; PINA, Luís de, *Pedro Julião ou Pedro Hispano (Papa João XXI)*, in "Arquivo Histórico de Portugal", vol. I, fasc. 1 Lisboa, 1932 pp. 27-46; idem, *Vimaranes. Materiais para a História da Medicina Portuguesa*, Porto, 1929; idem, *Pedro Hispano e Arnaldo de Vila Nova na educação médica popular hispânica*, in "Anais da Academia Portuguesa da História", II série, vol. 3. Lisboa, 1951 pp. 241-337; idem, *Pedro Hispano. Alguns subsídios para a sua biobibliografia*, in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo VIII, fasc. 3. Braga, julho-setembro de 1952 pp. 326-339; idem, *Medicina e Médicos na História da Filosofia em Portugal*, in "Studium Generale", vol. II, nºs 1-2. Porto, 1955 pp. 5-52; idem, *Medicina e Médicos*, in "Dicionário de História de Portugal", dir. por Joel Serrão, vol. III. Lisboa, 1968 pp. 3-8. *Contribuições estrangeira*: BARBUZZI, Dom, *Pietro Spano*, in "Revista di storia delle scienze", XIV, 1923; BIRKENMAJER, A., *Le rôle joué par des médecins et les naturalistes dans la réception d'Aristote au XIIe et XIIIe siècle*. Varsovie, 1930 CHINCHILLA, A., *Anales históricos de la Medicina*, I. Valencia, 1841, p. 52; DOWNING, Thomas

Jefferson, *A pope as a physician*, New York, 1925; MILLOT-CARPENTIER, *Histoire de la Médecine en Europe au Moyen Âge: Capitre IX – La Médecine au XIII^e siècle*, in “Annales internationales d’Histoire” – Congrés de Paris, 1900, 5^e Section, *Histoire des Sciences*, vol. V. Paris, 1901 pp. 171-196; NEUBURGER, M., *Geschichte der Medizin*, II, 1911; PETELLA, Giovanni, *Un medico filosofo del secolo XIII divenuto Papa*, in “Annali di Medicina Navale e Coloniale”, XXVIII, 1922 pp. 149-163; REISMAN, D., *A physician in the papal chair*, in “Annals of Medical History”, vol. V. 1923 pp. 291-300; ROBLES, O., *Fray Tomaz de Mercado, P.Ó.*, tradutor de Aristóteles y comentador de Pedro Hispano en la nueva España del siglo XVI, in “Revista Portuguesa de Filosofia”, IX. Braga, 1950 pp. 541-560; SCHIPPERGES, Heinrich, *Arzt im Purpur. Leben und werk des Petrus Hispanus*, Sep. de “Materia Medica Nordmark”, XIII/15, 591-600. Holstein, 1961; idem, *Zur Psychologie und Psychiatrie des Petrus Hispanus*, in “Confinia Psychiatrica”, IV, 3-4, 1961 pp. 137-157; idem, *Grundüge einer scholastischen Anthropologie bei Petrus Hispanus*, in “Aufsätze zur Porgugiesischen Kurgeschichte”, VII, 1967 pp. 1-51; SUDHOFF, Karl, *Petrus Hispanus, richtiger Lusitanus, Professor der Medizin und Philosophie, schliesslich Papst Johann XXI. Eine Studie*, in “Die Medizinische Welt”, XXIV, 1934 pp. 1-10 – trad. port’: *Pedro Hispano ou, melhor, Pedro Lusitano, professor de medicina e filosofia e, finalmente, Papa João XXI*. Separata de “Biblos”, XI, 1-10. Coimbra, Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1935; TELLE, J., *Petrus Hispanus in der Altdeutschen Medizinliteratur*. Heidelberg, 1972; VILLADEA, S. Caballero, *Farmacia nueva*, in “Rev. científico profesional”, anos XVI-XVIII; WILKE, Walter, *Petrus Hispanus und seine Bedeutung für die Zahnheilkunde*, Leipzig, 1924.

- (24) PINA, Luís de; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “*Thesaurus pauperum*, atribuído a Pedro Hispano.” Texto latino, com tradução e notas por . . ., in “*Studium Generale*”, Porto, vol. I, nºs 3-4, 1954-55, pp. I-XXIX e 161-299; vol. II, nºs 1-2, 1955, pp. 182-247; vol. III, nº 1, 1956, pp. 310-349; vol. IV, 1957, pp. 54-139; vol. V, 1958, pp. 255-283; PINA, Luís de, “Duas edições espanholas setecentistas do *Thesaurus pauperum*”, Estudo crítico apresentado ao Centro de Estudos Humanísticos anexo à Universidade do Porto, em 19/XII/1951; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, “Considerações à margem do texto do *Thesaurus pauperum*”, in “*Revista Portuguesa de Filosofia*”, tomo VIII, fasc. 3. Braga, julho-setembro de 1952 pp. 315-325; CAPPARONI, P., “Di una rara traduzione italiana del secolo XVI del *Thesaurus pauperum*”, in “*Rivista di storia delle scienze*”, 1928; LOPEZ, Roberto Sabatino, *Nascimento da Europa*. trad. de A. H. de Oliveira Marques, col. “*Rumos do Mundo*”, vol. VI. Lisboa, Edições Cosmos, 1965 p. 374.
- (25) ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Pedro Hispano, Livro sobre a conservação da saúde*. Introdução por Luís de Pina. Prefácio, texto latino, tradução e notas por . . . Porto, Edições Marânus. 1961 90 pp. (public. também in “*Studium Generale*”, vol. VI, Porto, 1959 pp. 224-238); idem, “Um manuscrito inédito do *Liber de conservada sanitate* de Pedro Hispano”, in “*Studium Generale*”, vo. IX, tomo 2^o. Porto, 1962 pp. 99-105; idem *Um opúsculo médico de Pedro Hispano (De regimine sanitatis)*. Separata da “*Miscelânea de Estudos a Joaquim de Carvalho*”, nº 3 Figueira da Foz, 1960.
- (26) ALONSO, Pe. Manuel (S.J.), *Pedro Hispano. Obras Filosóficas, III*, pp. 80-1, levanta a hipótese, ainda sem base documental, de Pedro Hispano haver redigido a *Expositio libri de anima* e o comentário ao *De sensu et sensato* antes de 1245, contrariando, portanto, os decretos de 1210 e 1215, que proibiram a metafísica e a filosofia natural aristotélica na Universidade, se bem que, a esta altura, a obra do Estagirita já estivesse bem difundida. Veja-se as observações de Cruz Pontes, PHP e as controvérsias . . ., pp. 15-16 e 45 e segs.
- (27) ZAMBRINI, Francesco, *Volgarizzamento del trattato della cura degli occhi di Pietro Spano*. (Scelta di curiosità letterarie). Bologna, 1873; BERGER, A. M., *Die Ophthalmologie (liber de oculo) des Petrus Hispanus (Petrus von Lissabon) sapter Papst Johannes XXI*. Lehmann, München, 1899; PETELLA, J. B., *Les conaissance*

- ces oculistiques d'un médecin philosophe devenu pape, in "Janus. Archives Internationales pour l'histoire de la Médecine et pour la Géographie Médicale", Deuxième Année. Amsterdam, 1897-1898 pp. 405-420 e 570-596; PANSIER, P., *Anonymi tractatus de quibusdam dubiis circa dicta oculorum concurrentibus*, in "Collectio ophthalmologica veterum auctorum", fasc. 2, Paris, 1908 pp. 97-155; D'AMICO, Diego, *Un oculista divenuto papa Giovanni XXI*, in "Archivio di Ottalmologia", vol. XXXVIII, Modena, 1931 pp. 564-572; SCALINCI, N., *Il contenuto salernitano negli scritti su le malattie oculari di Pietro Ispano e di Arnaldo Villanova*, in "Atti e memorie dell'accademia di storia dell'arte sanitaria", Março-Abril, 1937.
- (28) YSAAC, *Omnia opera*. Lugduni, 1515 (contém: *Commentarium singulare doctissimi viri Petri hispani olim pontificis maximi Johannis vicesimiprimi super librum dietarum universalium Isaac* (fol. XI-CIII); *Apolinee artis monarche Isaac filii adoptivi Salomonis regis Arabum, diete particulares, cum uberriexcelentissimi vivi Petri hispani commentariis* (fol. CIII-CLVI); *Sequitur liber urinarum eiusdem, cum non modice frugis doctissimi viri Petri hispani commentariis* (fol. CLVI-CCIII).
- (29) Para um bom enquadramento histórico: MARAVALL, José Antonio, *El concepto de España en la Edad Media*. Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1954; SANCHEZ-ALBORÑOZ, Claudio, *España, un enigma histórico*. 2 vols. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1956; CASTRO, Américo, *La realidad histórica de España*. Mexico, Editorial Porrúa, 1954; VICENS VIVES, Jaime, *Historia Social y Económica de España y América*, dirig. por . . ., vols. I e II. Barcelona, Editorial Teide, 1957; FONT RIUS, J. Maria, *Instituciones medievales españolas. La organización política, económica y social de los reinos cristianos de la Reconquista*. Madrid, Instituto "San José de Calasanz" de Pedagogía del C.S.I.C., 1949; PÉREZ DE URBEL, Justo, e outros, *La reconquista española y la repoblación del país*. Zaragoza, Escuela de Estudios Medievales. C.S.I.C., 1951; VILAR, Pierre, *Histoire de l'Espagne*, nº 275 da col. "Que sais-je?" 2ª ed. Paris, P.U.F., 1952; KLEIN, Julius, *The Meseta. A study in Spanish economic history, 1273-1836*. Cambridge, Mass., 1920 (trad. esp. Madrid, Revista de Occidente, 1936); BALLESTEROS BERETTA, Antonio, *Alfonso X el Sabio*. Barcelona, 1963; ALTAMIRA Y CREVEA, D. Rafael, *Psicología del pueblo español*. Barcelona, 1918; BAGUÉ, Enrique, *Historia de la cultura española*, vol. II, *La Baja Edad Media*. Barcelona, 1956; SERRÃO, Joel, *Dicionário de História de Portugal*, dirig. por . . ., 4 vols., Lisboa, Iniciativas Editoriais, 1963-1971; OLIVEIRA MARQUES, António Henrique de, *História de Portugal*, vol. I. Lisboa, Edições Ágora, 1972; idem, *A Sociedade Medieval Portuguesa - Aspectos da Vida Quotidiana*. Lisboa, Livraria Sá da Costa. 1964; SARAIVA, Antonio José, *História da Cultura em Portugal*, vol. I. Lisboa, Jornal do Fôro, 1950; CORTESÃO, Jaime, *Os factores democráticos na formação de Portugal*, in "Obras Completas", vol. I. Lisboa, Portugália Editôra, 1964; MAGALHÃES GODINHO, Vitorino, *A estrutura da antiga sociedade portuguesa*. Lisboa, Editôra Arcádia, 1971; BARRADAS DE CARVALHO, Joaquim, *Rumo de Portugal, a Europa ou o Atlântico? (Uma perspectiva histórica)*. Lisboa, Livros Horizonte, 1974; RICARD, Robert, *La dualité de la civilisation hispanique et l'histoire religieuse du Portugal*, in "Revue historique", t. CCXVI, Paris, 1956; SERGIO, Antonio, *Historia de Portugal*. Barcelona, Editorial Labor, 1929; ERDMANN, Carl, *A Idéia de Cruzada em Portugal*. trad. António Pinto de Carvalho. Coimbra, Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1940; TEJADA SPINOLA, Francisco Elias de, *Las doctrinas políticas en Portugal (Edad Media)*, Madrid, 1943.
- (30) SARAIVA, António José, Ob. cit. pp. 16 e 258.
- (31) Johan Tobias Köhler sugeriu o ano de 1226; R. Stapper, Severino Tavares e A. Moreira de Sá seguem a opinião mais comum, fixando o período de 1210/20; João Ferreira e J. M. da Cruz Pontes propõem, respectivamente, os períodos aproximados de 1210/15 e 1205/10.
- (32) É frequente a confusão entre Magister Petrus Hispanus e Magister Petrus Compostellanus. Veja-se as considerações da Profª coimbrã Maria Helena da Rocha Pereira na

- ed. do "Livro sobre a conservação da saúde", p. 161, n. 2, e no seu artigo *Um manuscrito inédito . . .*, p. 102.
- (33) SARAIVA, António José, *Ob. cit.*, pp. 90-91.
- (34) PINTO, Américo Cortez, *A primeira Escola de Medicina em Portugal*, in "Actas" do III Congresso Internacional dos Médicos Católicos em Lisboa, 17 a 23 de Junho de 1947, in "Acção Médica", Ano XII, nºs 45 a 48, Lisboa, julho de 1947 a julho de 1948. pp. 552-566, c. pp. 561-63; SARAIVA, António José, *Ob. cit.*, pp. 87-88; veja-se ainda RIBEIRO, Silvestre, *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal*. 18 vols., 1871-93; GAMA CAEIRO, A. da., *As Escolas Capitulares no Primeiro Século da Nacionalidade Portuguesa*, Lisboa, 1966; MOREIRA DE SÁ, Artur, *Primórdios da Cultura Portuguesa*. Lisboa, 1966; LOPES DE ALMEIDA, A.; BRANDÃO, Mário, *A Universidade de Coimbra. Esboço da Sua História*, Coimbra, 1937; BRAGA, Teófilo, *História da Universidade de Coimbra*, vol. I 1289-1555. Lisboa, 1892; DENIFLE, H., *A Universidade de Lisboa-Coimbra*, trad. de José Maria Rodrigues. Coimbra, 1892; BRAGA DA CRUZ, Guilherme, *Origem e Evolução da Universidade*, in "Estudos", I. Coimbra, 1954; SOUSA COSTA, António Domingues de, *Escolas Episcopais e Paroquiais e Colegiadas*, in "Dic. Hist. Port.", dir. por Joel Serrão, vols. I e II, pp. 613-614 e 74-76; PINA, Luís de, *Portugal na História da Cultura Universitária Hispânica*, in "Boletim Cultural" da Câmara Municipal do Porto, VIII. Porto, 1945.
- (35) Segundo Luís de Matos, em *Les portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, Univ. de Coimbra, 1950, p. 2, a comunidade estudantil portuguesa em Paris não teria grande expressão antes do séc. XVI; MICHEL, Francisque, *Les portugais en France, les français au Portugal*, Paris, 1882; RENOARD, Yves, *Relações com a França na Idade Média*, in "Dic. Hist. Port.", de Joel Serrão, vol. II, pp. 287-289; GAMA CAEIRO, F. da. *Santo António de Lisboa*, vol. I, *Introdução ao Estudo da Obra Antoniana*. Dissertação de doutoramento em Filosofia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1967 502 pp; SOUSA COSTA, António Domingues de, *Um português em Bolonha no século XIII, João de Deus. Vida e Obras*. Braga, Editorial Franciscana, 1957 207 pp.; CAIRES, Álvaro Guimarães de, *Esboço histórico da Medicina dos portugueses no estrangeiro*. Sep. de "Cursos e Conferências" da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. VI. Coimbra, 1936 32 pp.
- (36) Bula de João XXI, de 28 de Abril de 1277, trad. de Miguel Pinto de Meneses, in Artur Moreira de Sá, *Pedro Hispano e a Crise de 1277 da Universidade de Paris*, Sep. do "Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra", vol. XXII, Coimbra, 1954 21 pp., pp. 20-21.
- (37) GRABMANN, Martin, *Mittelalterliches Geistesleben*, II, p. 125; CARRERAS Y ARTAU; TURQUETS TERRATS, Juan, *Apports hispaniques à la philosophie chrétienne de l'Occident*. Louvain, 1962, pp. 16 e 20-21.
- (38) MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI, Filósofo . . .*, p. 21
- (39) MOREIRA DE SÁ, Artur, *Pedro Hispano Prior da Igreja de Santa Maria de Guimarães e Arcebispo da Sé de Braga*, in "Biblos", Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. XXX. Coimbra, 1954 pp. 1-24, p. 3; idem, *Um grande filósofo europeu, arcebispo da Sé de Braga, que ocupou a cadeira de S. Pedro*, in "Bracara Augusta", VI-VII, Braga, (1955-56) pp. 1-16; ASTRUC, Jean, *Mémoires pour servir à l'histoire de la Faculté de Médecine de Montpellier*. Paris, 1777; DAUNOU, M., *Pierre d'Espagne ou le Pape Jean XXI*, in "Histoire littéraire de la France", XIX. Paris, 1838 pp. 322-334; CHOMEL, J.B.C., *Essai historique sur la médecine en France*. Paris, 1762, p. 257; CUNHA, D. Rodrigo da, *História Eclesiástica dos Arcebispos de Braga*. Braga, 1634. É pouco esclarecedora a referência ao "magistri Petri Yspani doctoris Parisius cathedrati", existente na Biblioteca do Vaticano (ms. do séc. XIV, cod. Vat. Lat. 2661, fol. 62v) e citada por Cruz Pontes in *PHP e as controvérsias . . .*, pp. 15-16.

- (40) FERREIRA, João, *Os Estudos de Pedro Hispano*, in "Colectânea de Estudos", V. 3. Braga, setembro de 1954 pp. 195-210; GIRAUD, G., *L'École de Médecine de Montpellier à travers les âges*. Montpellier, 1960; DELMAS, Raoul, cit. por Américo Cortez Pinto in *A primeira Escola de Medicina em Portugal*; CRUZ PONTES, J. M. da, *Ob. cit.*; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, *Um manuscrito inédito*. . .
- (41) LISINI, A., *Inventario delle pergamene conservate nel diplomatico dal 736 al 1250*. Siena, 1908, p. 348; LAURENT, M. H., *Il soggiorno di Pietro Hispano a Siena*, in "Bollettino senese di storia patria", Nuova serie, IX (XLV, Siena, 1938) pp. 42-47, 43.
- (42) STAPPER, Richard, *Pietro Hispano (Papa Giovanni XXI) ed il suo soggiorno in Siena*, in "Bollettino senese di storia patria", Anno V, fascicolo III, Siena, 1898 pp. 424-431, 430.
- (43) DENIFLE, Heinrich, *Die Entstehung der Universitäten des Mittelalters bis 1400*. Berlin, 1885, p. 430; ZDEKAUER, L., *Sulle origine dello Studio senese*. Siena, 1893, p. 16, e pp. 31 (n. 14) e 32 (n. 19); PETELLA, Giovanni, *Sull' identità de Pietro Hispano, medico in Siena e poi papa, col filosofo dantesco*, in "Bollettino senese di storia patria", VI, Siena, 1899 pp. 277-329, 280.
- (44) BARDUZZI, D., *Di un maestro dello studio senese nel Paradiso dantesco*, in "Bollettino senese di storia patria", XXVIII, Siena, 1921 pp. 417-429, 421-22; MORIANI, Luigi, *Notizie sulla Università di Siena*. Siena, 1873, p. 16; CECHINI, Giovanni; PRUNAL, Giulio, *Chartularium Studii senensis, I (1240-1357)*, Siena, 1942, p. 7-8; CRUZ PONTES, J. M. da, *PHP e as controvérsias*. . . , pp. 9-10.
- (45) Doc. da Biblioteca Casantense, em Roma, Cod. lat. 1382, f. 28.
- (46) MONIZ, Egas, *O Papa João XXI*, in "Biblos", VI (1930), p. 8.
- (47) CARDOSO, Jorge, *Agiológico Lusitano*. III, 1666, 322b.; VEIGA, Estácio da, *Antiguidades de Mafra*. Lisboa, Typographia da Academia", 1879, p. 106; VILHENA BARBOSA, J. de, *Pedro Julião*, in "O Comércio do Porto", nº 97, Porto, 1873; PAES (de Almeida e Silva), D. Fernando, *Mafra e o Papa João XXI*, 1943; *O Concelho de Mafra*, nº 565, 1952; ALMEIDA FERNANDES, A. Ferrand de, in *O Concelho de Mafra*, XX, nºs 568, 569 e 570, 1952; FERREIRA, João, *O Papa João XXI e o priorado de Santo André de Mafra*, in "Studium Generale" – Boletim do Centro de Estudos Humanísticos anexo à Universidade do Porto, vol. I, nºs 3-4. Porto, 1955 pp. 359-364; parece carecer de fundamento a tradição referida por A. Meyreles do Souto, in *O Papa João XXI e a sua obra científica*, p. 137, sobre a memória da moradia de Pedro Julião no lugar de Cabeços.
- (48) HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal, desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III*, tomo V. 9ª ed. definitiva. Lisboa, Livraria Bertrand, s/d, p. 325.
- (49) GAMA CAEIRO, F. da, *Novos elementos sobre Pedro Hispano – Contribuição para o estudo da sua biografia*, in "Revista Portuguesa de Filosofia", tomo XXII, fasc. 2. Braga, abril-junho de 1966 pp. 157-174.
- (50) *Portugaliae Monumenta Historica. Leges et consuetudines*, vol. I. Olisipone, 1856, p. 185; GAMA BARROS, Henrique da, *História da Administração Pública em Portugal nos Séculos XII a XV*. 2ª ed., dirig. por Torquato de Sousa Soares, tomo III. Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editôra, 1946.
- (51) SÁNCHEZ-ALBORÑOZ, Claudio, *La Curia Regia portuguesa (siglos XII al XIII)*. Madrid, 1920, p. 167.
- (52) CAETANO, Marcelo, *As Cortes de Leiria de 1254*. Memória comemorativa pelo VII Centenário. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1954, pp. 33-34 e ap. docum. pp. 63, 71, 72, 73 e 75; FERREIRA, João, *Um grande português nas Cortes de Leiria de 1254*. Mestre Pedro Hispano († 1277)., in "Revista filosófica", nº 10. Coimbra, Maio de 1954 pp. 92-97; GAMA BARROS, Henrique da, *Ob. cit.*

- (53) TAGILDE, Abade de, *Vimaranes Monumenta Historica a Saeculo Nono post Christum usque ad vicesimum jussu Vimaramensis Senatus edita*. Guimarães, 1908, dec. CCL e CCLI; CALDAS, António José Ferreira, *Guimarães*, vol. II. Porto, 1881, p. 32; CARVALHO, A. L. de, *Guimarães de Tempos Idos*. Guimarães, 1947; CRAESBECK, Francisco Xavier da Serra, *Catálogo dos Ilustríssimos D. Priores da Real Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira*, in “Memórias da Academia Real da História”, vol. VI, nº XXX, pp. 26 e 27; GUIMARÃES, Oliveira, Os D. Priores da Colegiada, in “Revista de Guimarães”, vol. XIII, pp. 49-59 e vol. XV, pp. 107-112.; MOREIRA DE SÁ, Artur, *Pedro Hispano prior . . .*, pp. 1-24; PINA, Luís de, *Vimaranes . . .*, pp. 119, 149 e segs.
- (54) CAETANO, Marcelo, *Ob. cit.*, p. 34
- (55) *Portugaliae Monumenta Historica, Leges I*, forais de Chaves, p. 687, Aguiar da Beira, p. 689 e Viana, p. 693.
- (56) GAMA CAEIRO, F. da, *Novos elementos . . .*, pp. 162-163.
- (57) GAMA CAEIRO, F. da *Ob. cit.*; tb. in SOUSA COSTA, António Domingues de, *Um Mestre Português . . .* Observe-se que, neste ano, é dado por Chomel como mestre regente da Faculdade de Medicina de Paris (vide nota nº 39).
- (58) GAMA CAEIRO, F. da, *Ob. cit.*, pp. 164-166; tb. in SOUSA COSTA, *Ob. cit.*
- (59) GAMA CAEIRO, F. da, *Ob. cit.*, p. 169; SANTOS, Fr. Manuel dos, *Alcobaça Illustrada, noticias e historia dos mosteyros & monges insignes Cistercienses da congregação de Santa Maria de Alcobaça*. Coimbra, 1710, pp. 97-98.
- (60) GAMA CAEIRO, F. da, *Ob. cit.*, pp. 161 e 170-73; tb. in SOUSA COSTA, *Ob. cit.*, e ERDMANN, Carl, *Papsturkunden in Portugal*. Berlin, 1927, p. 376s.
- (61) GUIRAUD, Jean, *Les Registres d’Urbain IV (1261-1264)*, vol. I Paris, 1901, nº 49. 1901, nº 49.
- (62) MOREIRA DE SÁ, Artur, *Pedro Hispano prior . . .*, pp. 10-15, onde se lê, à p. 15: “Igualmente mantendes, na Igreja Lisbonense, o magistério das Escolas e o deado, bem como os benefícios que tendes noutras igrejas com a obrigação, ou sem ela, de cura de almas, por dispensa apostólica (. . .)”.
- (63) GUIRAUD, Jean, *Ob. cit.*, nº 2423 ter, pp. 408-409; GAMA CAEIRO, F. da, *Ob. cit.*, pp. 173-74: “(. . .) Olim dilecto filio Magistro Petro, Decano Vlixboneñ, sicut ipse asserit, specialem gratiam facientes, Magisterium scolarium et prebandam que in ecclesia Vlixboneñ tu frater episcopo ante tuam promotionem habueras, (. . .)”.
- (64 e 65) GUIRAUD, Jean, *Ob. cit.*, nºs 2364 e 2735; GAMA CAEIRO, F. da, *Ob. cit.* p. 174.
- (66) UGHELLI, Fernando, *Italia Sacra*, vol. I (Roma, 1642), col. 235; BRANDÃO, Francisco, *Monarchia Lusitana*, V Parte, liv. 16. cap. 31. Lisboa, 1650.
- (67) MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI . . .*, p. 6.
- (68) MOREIRA DE SÁ, Artur, *Pedro Hispano prior . . .*, pp. 7-8 e 23; CUNHA, D. Rodrigo da, *Ob. cit.*, vol. II, Braga, 1634, p. 140; RIBEIRO, João Pedro, *Dissertações Cronológicas e Críticas*, vol. IX. Lisboa, 1860, pp. 197-8 e 205-6; MACEDO, António de, *Lusitania infulata et purpurata, seus Pontificibus et cardinalibus illustrata*, Paris, 1663, pp. 40, 96; FERREIRA, J. A., *Fastos Episcopais da Igreja Primacial de Braga (Séc. III-Séc. XX)*, vol. II. Braga, 1928, p. 63; Bula de Gregório X, de 23-V-1275, public. por GUIRAUD, Jean, *Les Registres de Gregoire X (1272-1276)*. Paris, 1892, nº 607, p. 260; *Chancelaria de D. Afonso III*, Livro I, fls. 114 v. e 117 v., diploma régio (12-V-1272): “Magister Petrus Juliani electus Bracaraensis”, novam. em 7-XII-1272; HERCULANO, Alexandre, *Ob. cit.*, tomo V, pp. 325-27.
- (69) HERCULANO, Alexandre, *Ob. cit.*, tomo V, pp. 325-26.
- (70) VITALE, Vito, *Giovanni XXI, il papa perthogese*, in “Relazione Storiche fra l’Italia

- e il Portogallo – Memorie e documenti”, vol. XVIII. Roma, Reale Accademia d'Italia, 1940 pp. 113-122, p. 114; S. BOAVENTURA, Fortunato de, *Literatos portugueses na Itália*, in Marquês de Faria, “Portugal e Itália”, vol. IV. Leone, 1905.
- (71) HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal desde o começo da monarquia até o fim do reinado de Afonso III*, tomo V. 9ª ed. definitiva. Lisboa, Livraria Bertrand, s/d 335 pp.; ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, nova ed. preparada e dirig. por Damião Peres. vol. I. Porto, Portucalense Editora, 1967 531 pp.; OLIVEIRA, P. Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*. 3ª ed. Lisboa, União Gráfica, 1958 478 pp.; SOUSA COSTA, Pe. Antonio Domingues de, *Portugal e a Santa Sé*, in “Dicionário de História de Portugal”, dirig. por Joel Serrão, vol. III, 1968, pp. 757-763; BRANDÃO, Fr. António, *Crônicas de D. Sancho II e D. Afonso III*, ed. actualizada, com uma introd. de A. de Magalhães Basto. “Biblioteca Histórica de Portugal e Brasil – Série Régia”, dirig. pelo Visc. de Lagoa. Porto, Livraria Civilização – Editora, 1946 421 pp.; SOUSA RIBEIRO, Ilídio, *Nota a propósito de Pedro Hispano e Álvaro Pais*, Braga, 1949.
- (72) PINA, Luís de; ROCHA PEREIRA, Maria Helena da, na ed. do *Thesaurus pauperum* . . .
- (73) S. Boaventura, Geral dos Franciscanos, é nomeado cardeal-arcebispo albanense; frei Pedro Tarentaise, que viria a ser o primeiro papa dominicano (beato Inocência V, 1276), é eleito cardeal-arcebispo ostiense.
- (74) DANTE ALIGHIERI, *A Divina Comédia*, vol. III: O Paraíso, trad. do italiano, pref. e notas do prof. Marques Braga. Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora, 1958, Canto XII, p. 133; SGARBI LIMA, Fernando, Dante, Boccaccio e o espírito burguês, in “Histórica”, Ano I, nº 2. Rio de Janeiro, maio/agosto 1972, p. 22; CRITOFORI, Francesco, *Di Pietro Hispano ricordato da Dante nel canto XII del Paradiso* (. . .), Milano-Roma, 1890; BARDUZZI, D., *Di un maestro dello studio senese nel Paradiso dantesco*, in “Bolletino Senese di Storia Patria”, 28, 1921 pp. 417-429.
- (75) ALMEIDA, Vieira de, *Pedro Hispano*, in “Os Grandes Portugueses”, dirig. por Hernani Cidade, vol. I. Lisboa, Arcádia, s/d pp. 43-47, p. 43.
- (76) LE GOFF, Jacques, *La Baja Edad Media*. trad. Lourdes Ortiz, vol. 11 da “Historia Universal Siglo Veintiuno”. 3ª ed. Madrid, Siglo XXI de España Editores, S.A., 1973 pp. 264-282.
- (77) GANSHOF, François-Louis, *La Edad Media*, in “Historia de las Relaciones Internacionales”, dirig. por Pierre Renouvin, Tomo I, vol. 1. Trad. esp., 2ª ed. Madrid, Aguilar, S.A. de Ediciones, 1967 pp. 129-154.
- (78) BARRACLOUGH, Geoffrey, *Os Papas na Idade Média*, trad. António Gonçalves Mattoso. Coleção “História Ilustrada da Europa”. Lisboa, Editorial Verbo, 1972, p. 143; WUCHER, Albert, *Breve historia de los Papas*. trad. Pablo Simón. Buenos Aires, Librería “El Ateneo” Editorial, 1963, pp. 123 e segs.; HUGHES, Philip, *História da Igreja Católica*. trad. de Leônidas G. de Carvalho, 2ª ed. São Paulo, Dominus Editora, 1962, pp. 123 e segs.; ARQUILLIERE, Mons. H. -X., *L'Église au Moyen Âge*. Paris, 1939; SCHNÜRER, Gustave, *L'Église et la civilisation au Moyen Âge*, 3 vols. trad. de Castella e Burgard. Paris, Payot, 1933-38; PREVITÉ-ORTON, C.W., e outros, *Decline of Empire and Papacy*, vol. VII da “Cambridge Medieval History”, planned by J. B. Bury. Cambridge, 1932; FLICHE, Augustin, *La Chrétienté romaine, 1198-1274*, tomo X da “Histoire de l'Église, depuis les origines jusqu'à nos jours”, dirig. Victor Martin e Augustin Fliche. Paris, Bloud & Gay, 1950; SOUTHERN, Richard William, *Western Society and the Church in the Middle Ages*. Harmondsworth, Penguin Books, Ltd., 1970; LECLER, Joseph, *L'Église et la souveraineté de l'État*, Paris, Flammarion, 1946 250 pp.; FOLZ, Robert, *L'idée de l'Empire en Occident du Ve au XIVe siècle*. (Collection Historique). Paris, Aubier, 1953 251 pp.; ULMANN, Walter, *The Origins of the Great Schism*, London, 1948; idem, *Medieval Papalism. The Political Theories of the Medieval Canonists*. London, Methuen, 1949; idem, *The Growth of Papal Government in the Middle Ages*. Lon-

don, 1955; PACAUT, Marcel, *La Théocratie, L'Église et le pouvoir au Moyen Âge*. Paris, Aubier, 1957; CARLYLE, A.J., *Le Développement de la théorie de l'autorité pontificale en matière temporelle chez les canonistes de la seconde moitié du XIIIe siècle*, in "Revue historique de droit français et étranger", Paris, 1926; WALEY, D.P., *The Papal State in the Thirteenth Century*, London, 1961; LECLERCQ, Dom, *Jean de Paris et l'ecclésiologie au XIIIe siècle*. Paris, Vrin, 1942; KNOWLES, M. David; OBOLENSKI, D., *A Idade Média (600-1500)*, vol. II da "Nova História da Igreja". Petrópolis, Editora Vozes, 1974; RAPP, F., *L'Église et la vie religieuse en Occident à la fin du Moyen Âge*, nº 25 da "Collection Nouvelle Clio". Paris, Presses Universitaires de France, 1971; RENOARD, Yves, *Les relations des papes d'Avignon et les compagnies commerciales et bancaires de 1316 à 1378*, vol. 151 da "Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome". Paris, Éditions de Boccard, 1941.

- (79) A forma de conclave foi tornada obrigatória para a eleição dos papas a partir do 2º Concílio de Lyon, embora já tivesse sido praticada na eleição de Celestino IV (1241). Trata-se de uma fórmula para dar maior estabilidade ao regime de sucessão, até então sujeito a influências políticas diversas que davam margem a prolongados interregnos. Prescrevia, entre outras coisas, que os cardeais deviam permanecer isolados em uma habitação comum, durante todo o tempo de duração do pleito.
- (80) Deveria ser XIX, já que não existiram os papas João XVI e XX.
- (81) FLICHE, Augustin, *Un pape portugais: Jean XXI (1276-1277)*", in "Congresso do Mundo Português". Publicações, vol. II. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História Medieval. II. Congresso. Secção Congressos. Lisboa, 1940 pp. 663-674, p. 665; KRUMBACHER, Karl, *Papst Johannes XXI, 1898*; STAPPER, Richard, *Papst Johannes XXI, eine Monographie*, in "Kirchengeschichtliche Studien", IV, fac. 4. Münster, 1898; WALSH, James, *John XXI, philosopher, physician, pope*. Philadelphia, 1909; ROMANUS BOMBA, *De Pontificibus medicis aut Medicorum feliis Commentarium, notis auctum . . .*, Romae, 1821; KIRSCH, J. P., *John XXI*, in "The Catholic Encyclopedia", vol. VIII. New York, 1910 pp. 429-31; VELOSO, Queiroz, "Introdução" à *Bibliografia Geral Portuguesa*, vol. II. Lisboa, 1944 pp. GATTO, L., *Il pontificato di Gregorio X, 1271-1276*, Roma, 1959; WOLTER, H.; e HOLSTEIN, H., *Lyon I et Lyon II*, in "Histoire des Conciles ecuméniques", dirig. por G. Dumège, 7 Paris, 1966; FIGUEIREDO, Antonio Pereira de, *Portuguezes nos Concilios Geraes . . .* Lisboa, na Officina de Antonio Gomes, 1787 pp. 35-37.
- (82) CALMETTE, Joseph, *Le Reich Allemand au Moyen Âge*. Paris, Payot, 1951; GLOTZ, Gustave, *Histoire Générale - Le Moyen Âge*, dirig. por . . . Tomos IV, V e VI; BARRACLOUGH, Geoffrey, *Medieval Germany*. 2 vols. Oxford, 1938; A fracassada expedição do luxemburguês Henrique VII (1310-13) será a última tentativa dos imperadores alemães para dominar efetivamente o território italiano.
- (83) JORDAN, E., *L'Allemagne et l'Italie aux XIIe et XIIIe siècle*, Paris, 1939; FASOLI, Gina, *Aspetti della politica italiana di Federico II*. Bologna, 1964; WALEY, Daniel, *Las ciudades-república italianas*. trad. José-Miguel Velloso. Madrid, Ediciones Guadarrama, S.Z., 1969; RENOARD, Yves, *Les villes d'Italie du Xe siècle au début du XIVe siècle*, Paris, 1961; idem, *Histoire de Florence*, no 1116 da col. "Que sais-je?". 2ª ed. Paris, P.U.F., 1967; idem, *Les hommes d'affaires italiens au Moyen Âge*. 2ª ed. Paris, Colin, 1968; THIRIET, Freddy, *Histoire de Venise*, nº 522 da col. "Que sais-je?". Paris, P.U.F., 1952; HURÉ, Jean, *Histoire de la Sicile*, nº 728, idem. Paris, P.U.F., 1957; CAGGESE, Romolo, *La Republica di Siena e il suo contado nel secolo XIII*", in "Bolletino senese di storia Patria", XIII, 1906 pp. 3-120; LUZZATTO, Gino, *Storia Economica d'Italia*, vol. I. Roma, Edizioni Leonardo, 1949; SAPORI, Armando, *Le marchand italien au Moyen Âge*. Paris, Colin, 1952; JORDAN, E., *Urbain IV et les banquiers toscans*, 1898
- (84) STIERNON, D., *Rome et les Églises orientales*, in "Euntes docete", XV, 1962

- pp. 319-385; JUGIE, M., *Le schisme byzantin*. Paris, 1941; CLÉMENT, O., *Byzance et Christianisme*, Paris, 1964; CONGAR, Y.-M., *Les ruptures de l'unité*, in "Istina 10", 1964 pp. 133-178.
- (85) RUNCIMAN, Steven, *The decline of the crusading idea*, in "Relazioni", III. do X^o Congresso internazionale de science storiche. Roma, 1955 pp. 637-652; GROUSET, René, *Histoire des Croisades et du royaume franc de Jérusalém*, 3 vols. Paris, Plon, 1934-1936; ATYIA, A.S., *The Crusade in the Later Middle Ages*. London, 1938; DELACROIX, Mgr. S., *Histoire universelle des missions catholiques*, public. sob a direção de . . . , vol. I: *Les missions des origines au XVI^e siècle*. Paris, 1957; PELLIOT, P., *Les Mongols et la Papauté*, in "Revue de L'Orient chrétien", XXIII, 1923, pp. 3-33; XXIV, 1924, pp. 225-235; XXVIII, 1931-32, pp. 3-84.
- (86) QUADRADO, *Recuerdos de Miramar (Homenaje al beato Raimundo Lull en el sexto centenario de la fundación del Colegio de Miramar)*, Palma de Mallorca, 1877; FINKE, *Acta aragonensia*, Berlin, 1908; RUBIÓ Y LLUCH, *Documents per la historia de la cultura catalana mig-eval*. Barcelona, 1908-21; CARRERAS Y ARTAU, Tomás, *L'obra i el pensament de R. Llull*, in "Obras esenciales de Ramón Llull, I; SUGRANYES DE FRANCH, R., *Ramón Llull y el Islam*, in "Estudis oferts a Jondi Rubió i Balaguer," 17-31.
- (87) MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI* . . . , pp. 6-7; idem, "Anotações" à *Oração de Sapiência*, de André de Resende, pp. 71-72, e André de Resende, p. 53; vide a bibliogr. da nota n^o 34.
- (84) LE GOFF, Jacques, *La Baja Edad Media*, pp. 269-272; idem, *Os Intelectuais* . . . Além das obras citadas nas notas n^{os} 2, 5 e 6, vale consultar: CRÉVIER, Jean-Baptiste-Louis, *Histoire de l'Université de Paris, depuis son origine Jusqu'à l'année 1600*, vol. II. Paris, 1761; DENIFLE, H.; CHATELAIN, A., *Chartularium Universitatis Parisiensis*, I. Paris, 1889; RASHDALL, Hastings, *The Universities of Europe in the Middle Ages*, ed. e rev. de F.M. Powicke e A.B. Emden. 3 vols. Oxford, 1936; D'IRSAY, Stephen, *Histoire des Universités françaises et étrangères, des origines à nos jours*, t. I: "Moyen Âge et Renaissance". Paris, A. Picard, 1933; HALPHEN, Louis, *Les Universités au XIII^e siècle*, in "A travers l'histoire du Moyen Âge". Paris, P.U.F., 1950; AIGRAIN, René, *Histoire des Universités*, n^o 391 da col. "Que sais-je?". Paris, P.U.F., 1949; GLORIEUX, P., *Aux origines de la Sorbonne*, 2 vols., 1965-1966; RENUCCI, Paul, "L'aventure de l'humanisme européen, XII^e-XIV^e siècles". Paris, Belles Lettres, 1953; GILSON, Étienne, *Les sources greco-arabes de l'augustinisme avicennant*, in "Archives d'Histoire et de Littérature du Moyen Âge", IV. Paris, 1930 pp. 5-149; EHRLE, Francesco, *L'agostinismo e l'aristotelismo nella scolastica del secolo XIII*, in "Xenia Thomistica", III. Roma, 1925 pp. 517-588; VAN STEENBERGHEN, Fernand, *Aristote en Occident. Les origines de l'aristotelisme parisien*. Louvain, 1946; LUQUET, G.H., *Aristote et l'Université de Paris pendant le XIII^e siècle*, Paris, 1904; TRESMONTANT, Claude, *Les Universités du Languedoc au XIII^e siècle*, in "Cahiers de Faujeaux", n^o 5, 1970; idem, *La métaphysique du christianisme et la crise du XIII^e siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 1964; GRABMANN, Martin, *Neuaufgefundene werke des Siger von Brabant und Boetius von Dacien*. München, 1924; idem, "Die Opuscula de Summo Bono sive De vita philosophi und De sompniis des Boetius von Dacien", in "Archives d'histoire doctrinale et litteraire du Moyen Âge", vol. VI, 1932 pp. 287-317; idem, *Forschungen über die lateinischen Aristotelesübersetzungen des XIII. Jahrhunderts*, (Beiträge. . . , XVII, 5-6). Münster, 1916; THORNDIKE, Lynn, *University records and life in the Middle Ages*. New York, 1949; GLORIEUX, P., *Etienne Tempier*, in "Dictionnaire de théologie catholique", vol. XV, 1946 col. 100; THONNARD, F. J., *Augustinisme et Aristotélisme au XIII^e siècle*, in "L'Année Théologique", 1944 pp. 442-466; THERY, G., *Autour du décret de 1210: David de Dinant. Étude sur son panthéisme matérialiste*, Bruxelles, 1925; MANDONNET, Pierre, *Siger de Brabant et l'averroïsme latin au XIII^e siècle*, Louvain, 1908-11; idem, *Autour Siger de Brabant*, in "Revue de Philos.", 1911; idem, *Note complémentaire sur Boèce de Dacie*, in "Revue des sciences philosophiques et théologiques", XXII, 1930, pp. 246-250; CHOSSAT, S.

Thomas d'Aquin et Siger de Brabant, in "Revue de Philos.", 1914; BÄUMKER, Clement, *Zur Beurteilung Siger von Brabant*, in "Philos. Jahrb.", 1910; CALLEBAUT, A., Jean Pecham, O.F.M. et l'Augustinisme – Aperçu historique (1263-1285), in "Archivum Franciscanum Historicum", XVIII, 1925, pp. 441-472; CALLUS, A.A., *The condemnation of St. Thomas at Oxford*, Oxford, 1948; MOREIRA DE SÁ, Artur, *Pedro Hispano e a crise de 1277. . .*; Costa Nunes, Ruy Afonso da, *A origem do Universidade de Paris (I)*, in "Revista de História", nº 69, São Paulo, FFCL do USP, janeiro-março de 1967 pp. 55-89.

- (89) PERROY, Édouard; DUBY, Georges, *A Idade Média*, vol. 2. trad. de J. Guinsburg e Vítor Ramos. 3ª ed., tomo III da "História Geral das Civilizações", dirig. por Maurice Crozet. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1965 pp. 151-162.
- (90) MOREIRA DE SÁ, Artur, *Pedro Hispano e a crise de 1277 . . .*, docs. traduzidos por Miguel Pinto de Meneses: "rigorosamente ordenamos e mandamos que diligentemente façam observar e inquirir de que pessoas, e em que lugares, tais erros foram ditos ou escritos; e que o que souberes ou vires, não deixes de, o mais breve possível, no-lo fielmente descrever e transmitir pelo teu correio. / Dada em Viterbo, a 18 de Janeiro de 1277." (p. 16); "Mandamos a Tua Fraternidade que investigues, com rigoroso cuidado, todos e cada um dos erros que foram inventados, retomados ou renovados no sobredito Estudo, e quais os agentes, inventores, defensores e sequazes deles, assim como os que os crêem e seguem, e também as obras em que dizem estar as ficções dos mesmos artistas", já que estes "erros de falsidade herética (. . .), pelo próprio contágio, facilmente hão-de introduzir-se e infectar os outros, se não forem sufocados à nascença" (Bula de 28-IV-1277, pp. 20 e 21).
- (91) CRISTOFORI, Francesco, *Le Tombe dei Papi in Viterbo*, Siena, 1887; SIFRIDI Presbyteri de Balnhusin, *Historia universalis et Compendium historiarum 1306 cum add. a. 1307*, edição de Oswald Holder-Egger, "Monumenta Germaniae historica", t. XXV, Hannover, 1880, p. 708.
- (92) RICOBALDO DE FERRARA, *Historia Pontificum Romanorum*, in Lodovico Antonio Muratori, "Rerum Italicarum Scriptores", IX, Mediolani, 1726, p. 181; MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI. . .*
- (93) GÉNICOT, Léopold, *Europa en el siglo XIII*, nº 18 da "Colección Nueva Clio", trad. esp. Barcelona, Editorial Labor, S.A., 1970 391 pp.; idem, *Linhas de Rumo da Idade Média*. trad. de Luís Álvares Ribeiro. Porto, Livraria Apostolado da Imprensa, 1963, p. 227.
- (94) MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI. . .*
- (95) MAGALHÃES GODINHO, Vitorino, *Ensaio*, vol. II. Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, 1968, p. VII.
- (96) GLÉNISSON, Jean, *Iniciação aos Estados Históricos*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1961, pp. 239-240.
- (97) MOREIRA DE SÁ, Artur, *O Papa João XXI. . .*, p. 20.
- (98) HOOK, Sidney, *O Herói na História*. trad. Iracilda M. Damasceno. Rio de Janeiro, Zahar Editôres, 1962, pp. 128-139.
- (99) Fontes primárias (impressas): GUIRAUD, Jean, *Les Registres d'Urbain IV (1261-1264)*, Paris, 1901; idem, *Les Régistres de Grégoire X (1272-1276)*, Paris, 1892; CADIER, E., *Le Registre de Jean XXI (1276-1277)*. Recueil des Bulles de ce Pape publiées ou analysées d'après le manuscrit original des Archives du Vatican. Paris, Bibliothèque des Écoles françaises d'Athènes et de Rome, 1898; POTTHAST, August, *Regesta Romanorum Pontificum*, II, 1710; JAFFÉ – LOENWENFELD, *Regesta Pontificum Romanorum*, Leipzig, 1888; HÖLDER-EGGER, Oswald, *Chronica fratris Salimbene de Adam, Ordinis Minorum*, in "Monumenta Germaniae

historica”, XXXII; idem, Sifridi Presbyteri de Balnhusin in Monumenta Germaniae historica, t. XXV; MURATORI, Lodovico Antonio, *Rerum Italicarum Scriptores*, IX, Milano; idem, *Annali d'Italia, dall'era volgare all'anno 1500*, t. VII, Milano, 1744; QUÉTIF, J.; ECHARD, J., *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, Paris, 1719, etc. *Histórias do papado*: MANN, Horace K., *The Lives of the Popes in the Middle Ages*, vol. XVI. London, 1902, pp. 31-56; FLICK, A.C., *The Decline of the Medieval Church*, 2 vols. London, 1930; SMITH, A.L., *Church and State in the Middle Ages*. Oxford, 1933; BINNS, L.E., *The Decline and Fall of the Medieval Papacy*. London, 1934; HALLER, J., *Das Papsttum: Idee und Wirklichkeit*, III e IV. 2ª ed. Stuttgart, 1952; idem, *Papsttum und Kirchenreform*. Berlin, 1903; CASPAR, ERICH, *Geschichte des Papsttums*. 2 vols. Tübingen, 1930-33; SCHLEYER, K., *Anfänge des Gallikanismus im 13. Jahrhundert*, Berlin, 1937; HÉFÉLÉ, Karl Joseph, *Konziliengeschichte*. 7 tomos. Freiburg, 1855-74; HERGENRÖTHER, Joseph von, *Katholische Kirche . . .*, Freib., 1872-76.

- (100) PRAÇA, J.F. Lopes, *História da Philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia*. Coimbra, 1868; FERREIRA-DEUSDADO, *La philosophie thomiste en Portugal*, Louvain, 1898; CARVALHO, Joaquim de, *Desenvolvimento da Filosofia em Portugal durante a Idade Média*. Coimbra, 1927; PIMENTA, Alfredo, *A Filosofia Portuguesa na Idade Média*, in “Estudos Filosóficos e Críticos”. Coimbra, 1930; THOMÁS, Lothar, *Contribuição para a História da Filosofia Portuguesa*. vol. I: *A História da Filosofia Portuguesa desde o seu começo até ao final do século XVI*. trad. por António José Brandão. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944 421 pp.; GOMES, Pinharanda, *Introdução à História da Filosofia Portuguesa*. Braga, Editora Pax, 1967 177 pp.; idem, *Pensamento Português*, I Braga, Editôra Pax, 1969 123 pp. (nova abordagem); BONILLA Y SAN MARTÍN, Adolfo, *História de la Filosofía Española*, t. I. Madrid, 1908; idem, Luís Vives y la filosofía del Remacimiento, 3 vols. 2ª ed. Madrid, 1929; GLÉNISSON, Jean, *Ob. cit.*, p. 57; ORTEGA Y GASSET, José, *Historia como Sistema*. 6ª ed. Colección “El Arquero”. Madrid, *Revista de Occidente*, 1970, esp. pp. 92-101; idem, *Ideas y creencias*, na mesma coleção.
- (101) CAIRES, Álvaro de, *O perfil psicológico do Papa João XXI*, in “Acção Médica”, Lisboa, 1948, pp. 148-165 – tentativa de perfil psicológico, feita em moldes antiquados.
- (102) Vale consultar: DILTHEY, Wilhelm, *História da Filosofia*. Trad. Silveira Mello. São Paulo, Livraria Exposição do Livro, s/d; GOLDMANN, Lucien, *Ciências Humanas e Filosofia*. Trad. bras. 5ª ed. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1976; DUBY, Georges, *História Social e Ideologias das Sociedades*, in “História: Novos Problemas”, dirig. por Jacques Le Goff e Pierre Nora. Trad. Theo Santiago. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1976 pp. 130-145; LE GOFF, Jacques, *As Mentalidades – Uma história ambígua*, in “História: Novos Objetos”. Trad. Terezinha Marinho, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1976 pp. 68-83; idem, *L'histoire des mentalités*, in “Histoire et ses méthodes”, dirig. Charles Samaran. “Encyclopédie de la Pléiade”. Paris, Éditions Gallimand, 1961; BLIGNY, Bernard, *História Social e história religiosa*, in “A História Social – Problemas, fortes e métodos”, (Coloquio da Escola Normal Superior de Saint-Cloud, 1965). Lisboa, Edições Cosmos, 1973 pp. 317-329.
- (103) FEBVRE, Lucien, *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle. La religion de Rabelais*. Col. “L'évolution de l'humanité”, dirig. por Henri Berr. Paris, Éditions Albin Michel, 1942; idem, *Un destin, Martin Luther*. Paris, P.U.F., 1945; idem (e outros), *Léonard de Vinci et l'expérience scientifique au XVIe siècle*. Paris, P.U.F., 1953; SILVA DIAS, José Sebastião da, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, tomo I, 2 vols. Publicações do Instituto de Estudos Filosóficos. Coimbra, 1960, XII + 750 pp.